



centro de artes polivalente
estruturação de espaços de cultura na ilha do governador

centro de artes polivalente

estruturação de espaços de cultura
na ilha do governador

carolina rocha ferreira

universidade federal do rio de janeiro
faculdade de arquitetura e urbanismo
trabalho final de graduação II
orientador - james miyamoto
rio de janeiro
setembro de 2020

“...uma coisa é o lugar físico, outra coisa é o lugar para o projeto. E o lugar não é nenhum ponto de partida, mas é um ponto de chegada. Perceber o que é o lugar é já fazer o projeto.”

Álvaro Siza



praia da bica

foto: acervo pessoal
2019

resumo	8
abstract	10
introdução	
problematização	12
justificativa	18
metodologia	
centralidade	20
o papel cultura	26
cultura e arquitetura	30
o lugar	36
sítio de intervenção	46
precedentes	
centro cultural são paulo	54
sesc pompéia	56
sesc 24 de maio	58
ims paulista	60
proposição	
ressignificar	62
compreensão do sítio	64
programa	68
proposta arquitetônica	72
considerações finais	128
bibliografia	130

Resumo

palavras-chave:
cultura, arquitetura, espaços
de cultura, centralidade,
requalificação, caráter do lugar

A cultura é um fenômeno social produzido pelo homem, considerando seu contexto específico. A identidade cultural, em níveis diferentes, constrói a consciência do povo e deve ser preservada para que nunca se perca a singularidade do coletivo em questão. Tendo isso em vista, o acesso pleno à cultura é direito consolidado do cidadão.

No contexto do Rio de Janeiro, as configurações de suas centralidades ocorreram devido à processos históricos e planos urbanos realizados a fim de expandir e reorganizar a cidade. Devido a essa estruturação existente, parcelas significativas da população não possuem o acesso devido e irrestrito à equipamentos culturais, atualmente concentrados no Centro e Zona Sul da cidade.

Localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, a Ilha do Governador possui centralidades específicas com caráter majoritariamente comercial e social. Por meio de análise feita através da observação participativa, é claramente identificável as carências existentes em seus bairros, dentre elas, a falta de espaços públicos de qualidade e acesso democrático à cultura para seus moradores.

Através de análises do seu território, estudos históricos de sua ocupação e levando em consideração as demandas existentes, este trabalho tem como objetivo a proposição de um equipamento artístico-cultural e requalificação do mirante existente na orla da Praia da Bica, adicionando novo caráter ao lugar, contemplando um público diversificado, com foco principal voltado aos moradores da região.

abstract

keywords:

culture, architecture, culture
spaces, centrality, requalification,
place character

Culture is a social phenomenon produced by man, considering its specific context. Cultural identity, at different levels, builds the consciousness of the people and must be preserved so that the singularity of the collective in question never be lost. In view of this, full access to culture is the citizen's consolidated right.

In the context of Rio de Janeiro, the configurations of its centralities occurred due to historical processes and urban plans carried out in order to expand and reorganize the city. Due to this existing structuring, significant portions of the population do not have due and unrestricted access to cultural equipment, currently concentrated in the south and central zones of the city.

Located in the North Zone of Rio de Janeiro, Ilha do Governador has specific centralities with a mostly commercial and social nature. Through analysis done through participatory observation, the needs of existing in their neighborhoods, among them, the lack of public spaces of quality and democratic access to culture for its residents.

Through analyses of its territory, historical studies of its occupation and taking into account the existing demands, this work aims to proposition an artistic-cultural equipment and requalification of the viewpoint existing on the edge of Praia da Bica, adding a new character to the place, contemplating a diverse audience, with a main focus aimed at the residents of the region.

Introdução

problematização

êxodo cultural

A cidade hoje se estrutura de forma a concentrar seus equipamentos e atividades artístico-culturais principalmente na região do Centro e Zona Sul, fator que acaba por reforçar o caráter de periferia das regiões que se encontram fora desses territórios.

A Ilha do Governador se encontra nessa região periférica e, além de possuir um déficit interno grande no desenvolvimento de atividades voltadas para as artes e cultura e espaços públicos de qualidade, faltam incentivos públicos e privados, acabando por gerar o êxodo cultural da população na busca por esse acesso.

abandono e insuficiência

Com território predominantemente residencial, sem concentrar importantes centros industriais, financeiros e comerciais no contexto do estado, a carência de investimentos em infraestruturas urbanas internas de qualidade e de ligação para acesso pleno aos outros pontos do município e região metropolitana é o cenário cotidiano encontrado há décadas na região.

A Ilha encontra-se afastada das principais centralidades do Rio de Janeiro, e todos esses são fatores responsáveis por provocar o abandono e potencializar suas insuficiências internas, resultando num isolamento do continente, não apenas físico, mas também infraestrutural.

1570

recebe o nome Ilha do Governador e se deu início ao cultivo da cana-de-açúcar e implementação dos engenhos de cana

1501

descoberta pelos portugueses, habitada pelos índios Temiminós e Tamoios

1922

implantação dos bondes contribuindo para a distribuição e adensamento populacional do seu território (linhas atualmente extintas)

1949

inauguração da primeira ponte de ligação direta com o continente (conhecida atualmente como Ponte Velha) alavancando mais uma vez o adensamento populacional da ilha

1863

primeira ligação regular da ilha com o continente efetuada por barcas a vapor, integrando a região à economia do café e à atividade industrial

XVI-XVIII

a cultura de cana-de-açúcar na Ilha dominou com vigor todo o Rio de Janeiro e foi base de exportação de açúcar para a Europa

1952

inauguração do Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim (Galeão) tornando a ilha um local de importância no âmbito estadual

1980

inauguração da segunda ponte de ligação direta com o continente (conhecida como Ponte Nova) com intuito de desafogar o tráfego da anterior, devido ao aumento populacional e popularidade dos automóveis

carência de infraestrutura urbana

Possui apenas duas áreas públicas poliesportivas e poucos meios de entrada e saída (três pontes e uma estação de barcas), com baixa manutenção e segurança, insuficientes para a região.

carência de espaços destinados à cultura

Atualmente vive-se na Ilha uma completa improvisação na distribuição do acesso à cultura em todas as suas vertentes. A Casa de Cultura Elbe de Holanda e o Teatro Lemos Cunha eram importantes espaços articuladores dessas atividades na região, ambos localizados no bairro Jardim Guanabara.

O primeiro, criado e administrado por uma Associação Civil sem fins lucrativos formada por um grupo de artistas e não artistas, funcionou por cerca de 11 anos promovendo espetáculos teatrais, aulas de teatro e artes, mas fechou suas portas em 2013 devido a falta de condições financeiras.

O segundo funcionava no Colégio Cenecista Capitão Lemos Cunha e encontra-se fechado desde 2015.

Hoje, existe apenas um local destinado a espetáculos (shows, peças e rodas de conversa), a Lona Cultural Renato Russo, de infraestrutura simples e enxuta. Localizada no Parque Manuel Bandeira - popularmente conhecido como Aterro do Cocotá - parque público que em 2003, beneficiado pelo Projeto Rio Cidade da Prefeitura, passou por um grande processo de revitalização mas que, nos dias atuais, se encontra em mal estado de conservação.



orla praia da bica

foto: acervo pessoal - 2020



carência de investimentos vindos do poder público

A Ilha do Governador em sua totalidade, carece de investimentos em infraestrutura e de manutenção. Em 9 de janeiro de 2006 o Decreto nº 26.166 foi feito criando o Pólo Jardim Guanabara/Ilha do Governador, com o intuído de atrair investimentos públicos para a região.

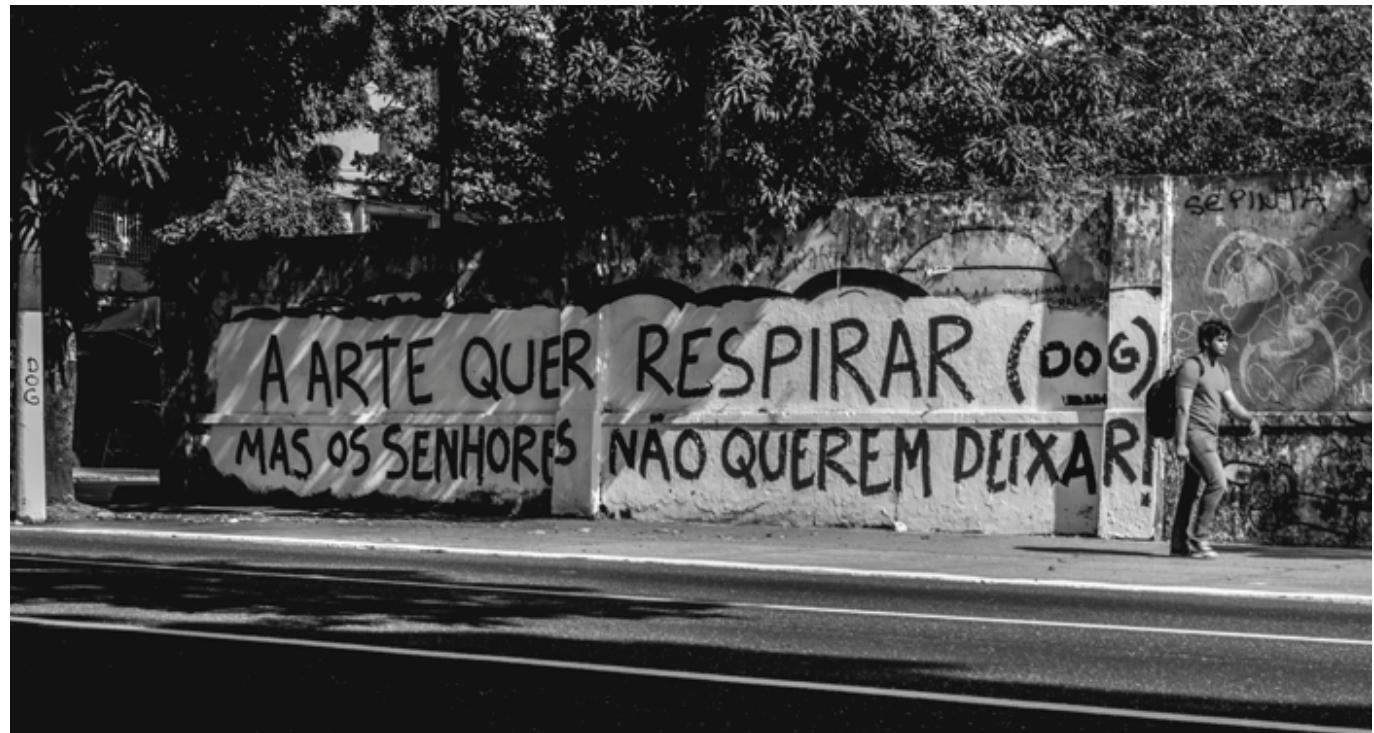
A criação do polo, além de atrair melhorias para o bairro Jardim Guanabara, também tinha a intenção de tornar sua orla banhada pela Baía de Guanabara em um ponto turístico e atrativo. Porém, apenas uma parcela do bairro passou pelo processo de revitalização (sua parte periférica onde se encontra a Praia da Bica e vias principais de acesso e circulação), que se perdurou apenas até 2015, ano que antecedeu as Olimpíadas Rio 2016.



pixação em são paulo

autor: dog

foto: kleyton silva - 2015



justificativa

A Ilha do Governador passou por um processo histórico com seu ápice de importância econômica - não só no contexto da cidade e estado do Rio de Janeiro, mas no Brasil como um todo - graças a economia da cana-de-açúcar entre os séculos XVI, XVII e XVIII, se configurando como importante centralidade urbana durante esse período. Posteriormente, com a chegada da economia cafeeira e industrialização, sua importância econômica decaiu, tornando a região predominantemente ocupada pelo caráter residencial. Essa forma de uso e ocupação em conjunto com o fato de a Ilha do Governador não possuir pontos de interesse com forte atrativo turístico na escala da cidade, acabou por resultar na inversão de sua importância para atração dos focos de investimento em vista do cenário carioca, tirando da Ilha seu papel de centralidade protagonista e tornando-a componente da região periférica da cidade.

Fazendo a leitura dessas fatos, busca-se analisar as atuais demandas culturais da região e implementar um projeto que possua programa complementar às insuficiências existentes, sendo responsável por promover maior acesso à cultura e adicionar novo caráter ao lugar onde se insere, buscando uma nova relação de integração entre o novo e o existente.

metodología

entendendo a centralidade

No capitalismo, a cidade consolida-se como centro de comando para a economia capitalista. Nela, o capital concentra os seus meios de produção, circulação e realização, subjugando o trabalho do homem e, consequentemente, as relações sociais às suas necessidades de reprodução. Neste sentido, a cidade se produz pautada em espaços hierarquizados e segmentados; o capital limita e diferencia a apropriação e uso do solo urbano, segregando classes e camadas sociais.

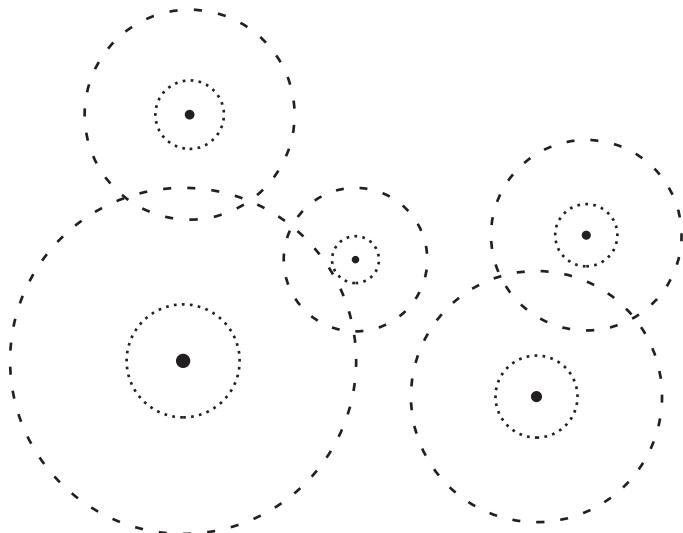
Nessa direção, depreende-se que o estudo da centralidade urbana se consolida em íntima relação com a própria noção de estrutura e estruturação urbana, e das modificações e rupturas que se processam no tempo. Conceitos que dizem respeito às diferentes disposições no uso e ocupação do solo e as diversas articulações e interações entre estes, são resultantes do próprio arranjo.

Foi no processo de expansão da cidade com a industrialização e inerente processo de divisão funcional da ocupação do solo, que nasceu e se desenvolveu uma dinâmica de centralidade urbana que, se configura como lugar de articulação dos processos de produção e de consumo da cidade industrial capitalista e, simultaneamente, produto e produtor de diversas configurações urbanas (SILVA, 2001).

Este processo de construção e de desenvolvimento da centralidade urbana, através da concentração e sedimentação de uma certa localização específica de atividades e serviços, desenvolve-se também, na

construção da significação social de determinados espaços urbanos centrais, pela interação permanente com determinados espaços públicos que adquiriram o referido estatuto de lugares particularmente vocacionados para práticas de sociabilidade e manifestações cívicas da vida social urbana. Tudo isso através da contínua e quotidianamente repetida comunicação e partilha de um conjunto de informações sobre a cidade, que configuram, assim, determinada representação social do espaço urbano.

Assim, a centralidade é um fenômeno social total de incidência urbana. Fenômeno dinâmico onde se cruzam as diversas dimensões da vida social, é o produto da ação conjugada de diferentes estruturas numa determinada sociedade e suas determinações numa determinada época histórica.



Entendendo a condição de centralidade, constitui-se como elemento fundante das articulações entre os demais elementos que compõem a estrutura urbana - interdependentes, socioeconômicos e espaciais.

Compreende também uma área capaz de gerar e manter fluxos - de pessoas, capitais, mercadorias, etc. - e não apenas concentrar uma situação estática.

Resulta não só da funcionalidade que marca um espaço concreto da cidade, mas também da imagem, do bem-estar e do prazer visual, **sustentada na qualidade da arquitetura, do espaço público e da paisagem.**

atual configuração urbana no Rio de Janeiro

A atual distribuição das centralidades na cidade e região metropolitana está diretamente ligada com o processo histórico de ocupação e distribuição das atividades econômicas em seu território. Essa configuração urbana é responsável por tornar regiões inteiras em locais às margens do abandono, com pouca - ou nenhuma - infraestrutura urbana. Falamos aqui de uma parcela expressiva de cidadãos que lidam diariamente com situações precárias de saúde e segurança pública, dificuldade de acesso ao transporte público e atividades e espaços culturais, educacionais e profissionalizantes, e inúmeras questões complexas que se encontram longe de um patamar desejável de qualidade de vida.

Todos estes fatores se refletem de forma negativa e direta no desenvolvimento do indivíduo, e consequentemente, coletivo da sociedade.

De acordo com o Projeto de Lei Complementar de Uso e Ocupação do Solo - LUOS N° 33/2013:

Art. 56 Entende-se por centralidade urbana a qualidade de um espaço para o qual convergem e onde se articulam funções e fluxos estruturadores do ambiente urbano e que exerce atração sobre os demais espaços da cidade, em diferentes graus ou hierarquias, em relação:

I - à concentração e à diversidade de usos e atividades econômicas;

II - à oferta de transportes e à acessibilidade;

III - à disponibilidade de infraestrutura;

IV - à concentração e à oferta de empregos;

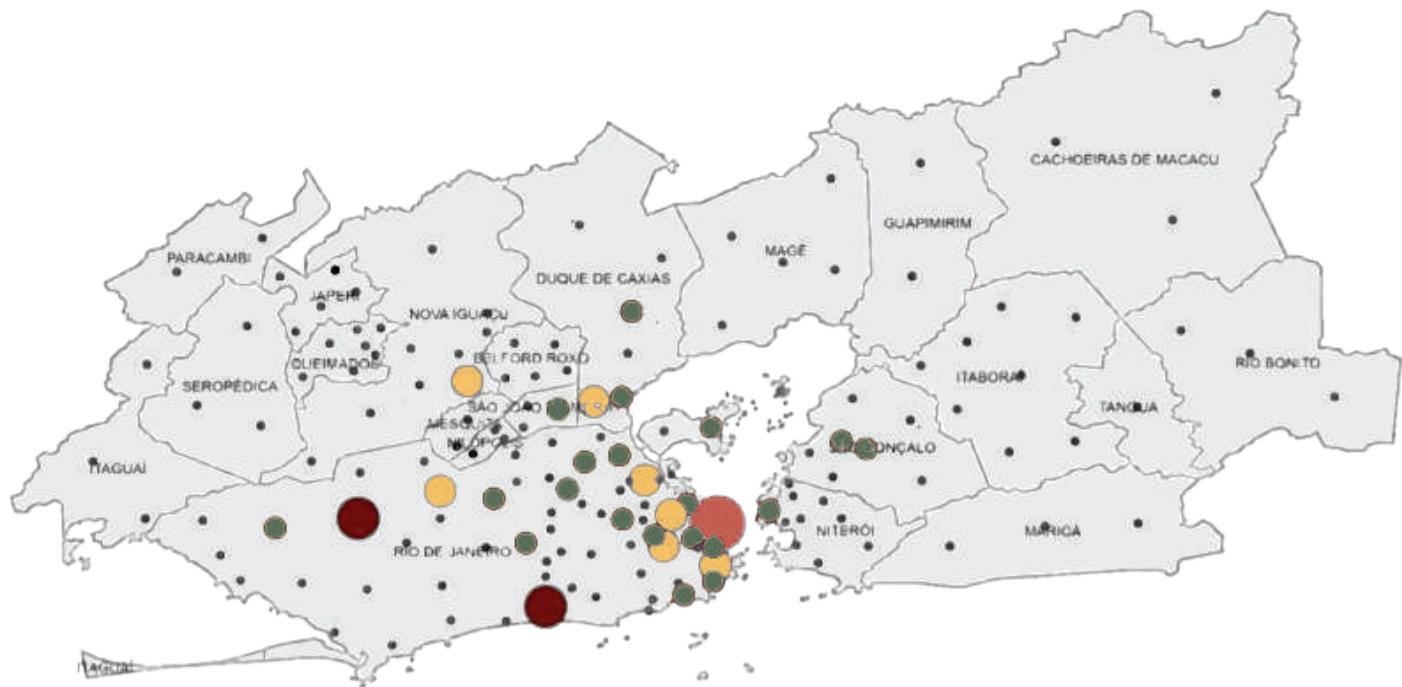
V - à oferta habitacional, incluindo a de interesse social;

VI - à contribuição para a economia da cidade.

Art. 65 As centralidades e seu entorno de influência imediato são locais preferenciais de investimento, instalação de equipamentos para serviços públicos e realização de eventos culturais, de lazer e de turismo.

Art. 66 As intervenções públicas nas centralidades deverão contemplar a recuperação dos espaços públicos e tornar-lhes fácil o acesso, assim como deverão preservar e recuperar os marcos urbanos de valor artístico, histórico e cultural.

distribuição das centralidades no município e região metropolitana



centralidades:

- alcance local
- subcentro regional
- centro regional
- subcentro metropolitano
- centro metropolitano

legenda:

- limite UMI
- limite municipal

fonte - LUOS: Lei de Uso e Ocupação do Solo



h e r a n ç a



o papel da cultura

qual o papel da cultura na formação do indivíduo?

A palavra cultura deriva do latim *colere*, que tem como significado literal “*cultivar*”.

“A **cultura** é definida como um fenômeno social de características simbólico-cognitivas, criado e produzido pelo homem dentro de sua sociedade, como resultado do acúmulo de suas ações, significados e conhecimentos, refletindo a época em que está inserido, e o contexto intelectual específico de cada um” (TAVARES; COSTA, 2013, p.82).

A **identidade cultural**, em níveis distintos, constrói a consciência do povo. Isso ocorre devido à necessidade de comunicação, e aquele que se comunica o faz através de certos meios e formas.

Um dos objetivos de democratizar a cultura é aumentar o acesso aos bens culturais já existentes, possibilitando que as pessoas possam desenvolver o seu próprio modo de ser e participar ativamente e plenamente da comunidade (WILLIAN, 2014).

Os costumes, a música, a arte, as vestimentas, a culinária, as manifestações religiosas e, principalmente, o modo de pensar e agir, fazem parte da cultura de um povo e devem ser preservados para que nunca se perca a singularidade e solidez do coletivo em questão.

O acesso a cultura de forma democrática é essencial para a construção do indivíduo e estruturação da sociedade e, a localização desses pontos de acesso no contexto do Rio de Janeiro, se dá no seu centro metropolitano devido à processos históricos de ocupação desses territórios.

O acesso à cultura depende de alguns aspectos específicos:

O **acesso físico**: responsável por permitir a melhor distribuição dos equipamentos culturais, e possibilitar o transporte de todas as pessoas, independente de onde residam (periferia, subúrbio, centro).

O **acesso econômico**: relacionado aos custos de participação de eventos culturais de uma cidade ou comunidade, portanto, deve-se pensar na relação custo-benefício entre a criação e o consumo artístico.

O **acesso intelectual**: responsável pela compreensão do produto artístico, formando público e agentes culturais.

no brasil

Possuímos uma forte pluralidade cultural, e como principais componentes da cultura brasileira temos a população indígena, escravos africanos e colonizadores europeus e asiáticos.

O Brasil continua recebendo influências do exterior em áreas como o cinema e a música, mas faz algum tempo que passou também a ser exportador cultural e de bens simbólicos. O fluxo de bens culturais para o exterior pode ser exemplificado em relação à religião, música e telenovelas. Nossa país possui uma vasta herança cultural, nas artes visuais, na pintura, no campo da escultura, nas obras musicais e literárias, entre outros.

Com a ascensão do Modernismo no século XX, o país acompanhou uma onda de renovação trazida por artistas como Di Cavalcanti, Portinari e Tarsila do Amaral. Toda essa diversidade histórica do país, nem sempre é direcionada à população como deveria. Uma pessoa sem acesso à cultura se torna vulnerável à alienação em relação às questões acerca do ambiente no qual está inserida. Investir em educação é o primeiro passo, afinal, é preciso despertar o interesse para descobrir sobre si e sobre o ambiente em que se vive.

Mais do que parte da identidade de uma nação, a cultura é essencial para que o próprio indivíduo construa a sua **individualidade e exerça seu papel na sociedade.**

"[...] cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das reações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para ação."

Darcy Ribeiro, 1972



Darcy Ribeiro (1972) converge na idéia de que embora a cultura seja um produto da ação humana ela é regulada pelas instituições de modo que se lapida a ideia a ser manifestada segundo os interesses ou valores de crenças de determinado grupo social. A cultura para Darcy também é uma herança que se resume em um conjunto de saberes que são perpassados através das gerações, saberes estes manifestados e experimentados pelo ancestrais.

no rio de janeiro

A construção cultural da cidade possui fortes traços dessa herança de miscigenação de culturas, que foi responsável por refletir na estruturação dos principais componentes da cultura carioca e na forma como se deu a ocupação da cidade.

Contemplada por diversos museus, teatros e casas de espetáculos, a capital fluminense está entre os destinos mais procurados pelos turistas estrangeiros que visitam o país. Entre os maiores eventos do calendário carioca, destacam-se o Carnaval, a Bienal do Livro, o Fashion Rio, o Anima Mundi, o ArtRio e o Festival Internacional de Cinema.

Atualmente, o Festival do Rio, importante mostra internacional de cinema do país, consolidou-se como a principal plataforma de lançamento de filmes brasileiros e o maior evento cinematográfico da América Latina. Em 2019, por falta de patrocínio do Governo, correu o risco de ter sua realização suspensa. Foi por meio de financiamento coletivo que o evento conseguiu verba para ser realizado.

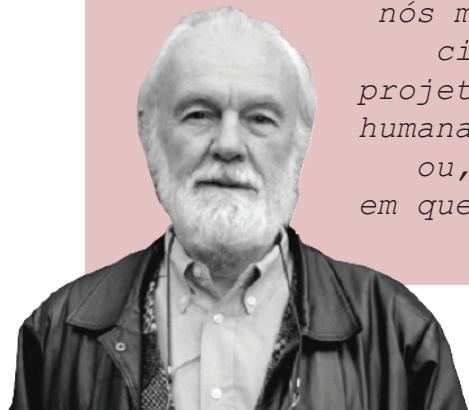
cultura e arquitetura

Ao definir cultura como um fenômeno social produzido pelo homem, como considerando o seu contexto específico, pode-se estreitamente considerar a arquitetura uma produção social, e assim, cultural.

Como apontou Harvey (2000, p. 159), sobre a construção coletiva do homem, a arquitetura, e a cidade, se transformaram em uma extensão do que uma coletividade quer:

"Do mesmo modo como produzimos coletivamente as nossas cidades, também produzimos coletivamente a nós mesmos. Projetos que prefiguram a cidade que queremos são, portanto, projetos sobre (nossas) possibilidades humanas, sobre quem queremos vir a ser ou, talvez de modo mais pertinente, em quem não queremos nos transformar."

David Harvey, 2000



No que diz respeito ao produto arquitetônico em estreito contato com a cultura, pode-se identificar os edifícios que abrigam as produções culturais da sociedade, sendo ele uma produção cultural da mesma. Devido também ao fato da cultura ganhar grande visibilidade, dentro da sociedade capitalista,

esses espaços tornaram-se peças-chave da economia, dando resposta ao consumo do capital. Apesar das bases espaciais fundamentalmente modernas, o espaço se torna um meio de integração da arte na esfera da cultura, possibilitando esse consumo cultural.

A primeira tipologia arquitetônica destinada à propagação de cultura a surgir na história foi a do **museu**. Os primeiros museus tomaram a tipologia dos palácios como sua primeira forma de expressão arquitetônica, antigas sedes de monarquias se transformaram em espaços de coleção e exposição de arte e cultura.

Posteriormente os espaços museais passaram a abrigar uma série de novos espaços e usos, suprindo necessidades dessas novas demandas sociais e culturais. Programas como restaurantes, cafés, lojas, livrarias, teatros e bibliotecas, passaram a fazer parte do ideário do espaço da cultura.

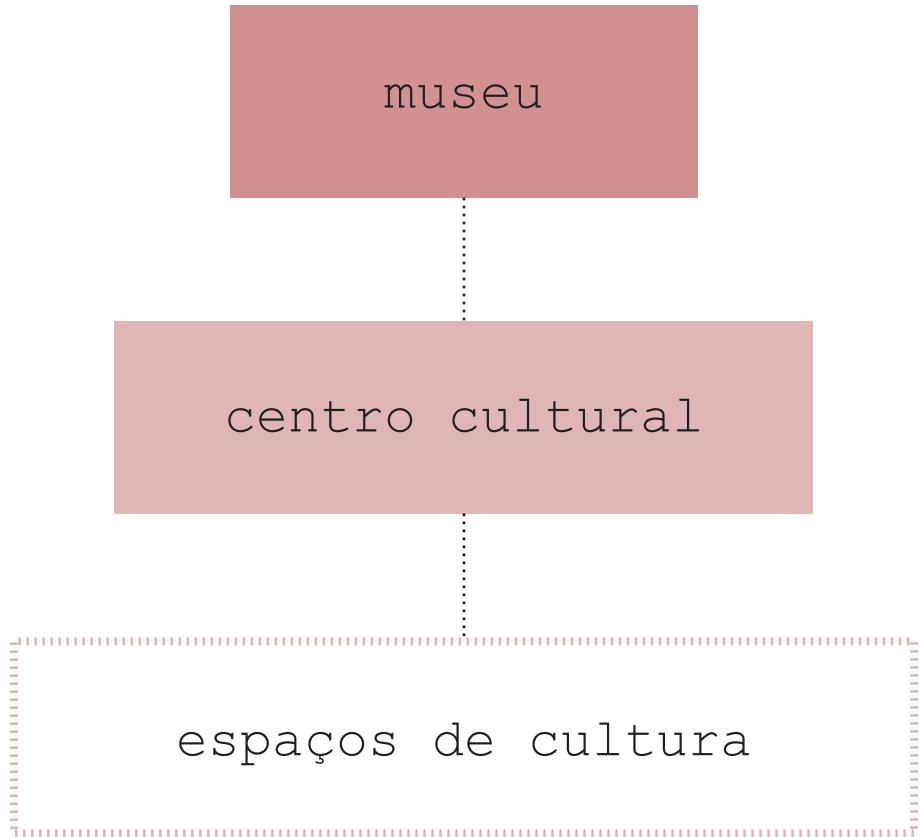
Os **centros culturais** surgem como resposta a esse novo panorama de espaços, apostando também na característica efêmera da arte pós-moderna, e assim focando suas edificações para exibições temporárias e performances em festivais. Ambas características contribuíram para a mudança de público e frequência de uso desses espaços. Os centros culturais passaram a atrair um maior público, mais variado, dentro de uma lógica turística urbana, pertencente a um sistema mercadológico-capital.

Arquitetonicamente, os edifícios foram desdobrando-se em soluções que se libertaram do padrão funcionalista, assumindo experimentações mais

ousadas, possíveis por conta do avanço tecnológico e da utilização de softwares no processo projetual arquitetônico.

A arte contemporânea começa a exercer influência sobre o espaço destinado à abriga-la, refletindo a quebra da ordem, o deslocamento de significados e, principalmente, o incitamento de interpretações das edificações. Devido à amplitude com a qual é trabalhada, buscando também atender um novo aspecto da sociedade contemporânea, o individualismo, não se pode classificar as soluções arquitetônicas de certas ou erradas, e sim se o objeto corresponde ao que se pretende expor, ao foco, seja artístico, histórico, científico, didático, tecnológico, que o espaço deve responder (TAVARES; COSTA, 2013).

Essa evolução crítica e reflexão leva a criação do termo **espaços de cultura**, que surgem como locais destinados ao funcionamento de atividades culturais e artísticas sem a premissa da existência de um espaço físico delimitador, são de livre apropriação pelo público. Compreendem locais edificados ou não, sem se resumir a uma tipologia arquitetônica. A arquitetura pode contribuir com a qualidade do projeto, trazendo uma boa integração com a cidade, ampliando o conceito de espaço público. Significa oferecer amparo às atividades – como sombra, bancos, um café, um banheiro. Deve ser um espaço que dê lugar a manifestações artísticas que cada vez mais não se podem classificar e rompem com os dogmas. A arquitetura tem de buscar amparar, dar condições para que essas possibilidades aconteçam cada vez mais.

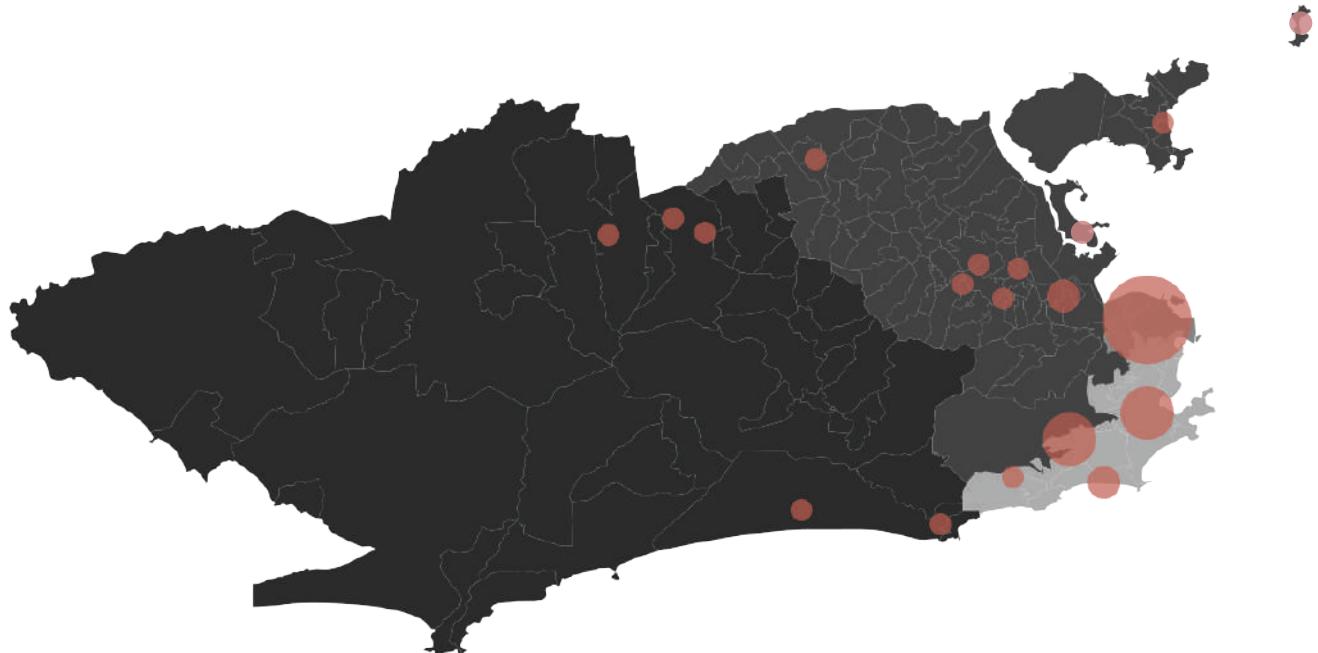


museu

centro cultural

espaços de cultura

concentração dos espaços destinados à cultura no município



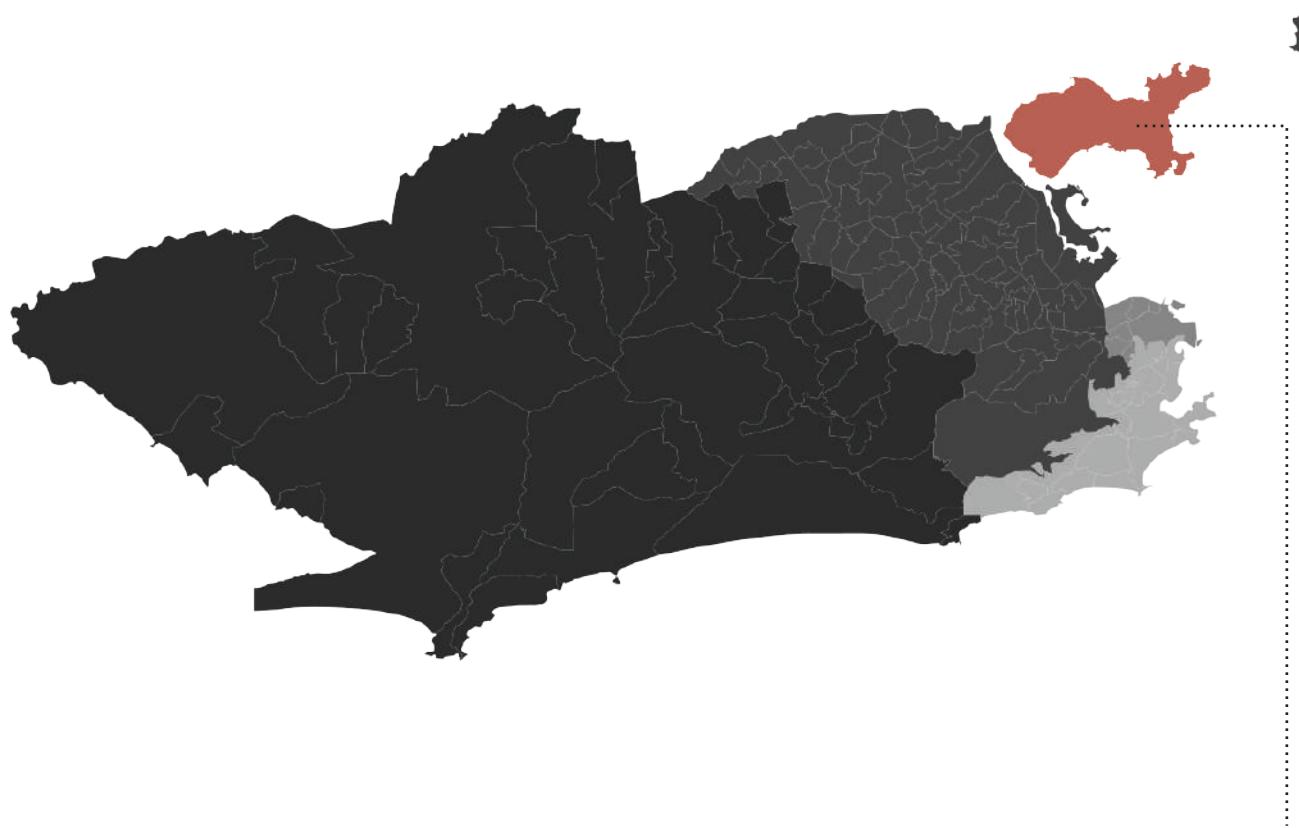
Analisando o mapa, nota-se a concentração de equipamentos culturais em sua maioria inseridos no centro metropolitano e centros regionais.

Na Ilha do Governador notamos a existência de apenas uma área destinada à distribuição de cultura, que contempla número restrito de atividades e sem periodicidade.

Existem atualmente na Ilha cerca de 5 coletivos responsáveis pela geração e distribuição de cultura, porém não possuem infraestrutura fixa adequada para a realização das atividades, são eles: **Polo Cultural Ilha, Casa D'Alma, grupos de teatro - Se Liga, Paz e Amor, Apolo.**

quantidade por marcação:





xx região administrativa do rio de janeiro

bancários . cacuia . cocotá . freguesia . galeão
jardim carioca . jardim guanabara . moneró . pitangueiras
portuguesa . praia da bandeira . ribeira . tauá . zumbi

A Ilha do Governador possui zoneamento ocupacional estruturado pela forte influência de sua formação geográfica. Possui uma densificação de ocupação residencial bem distribuída na face leste da ilha, com áreas institucionais localizadas estratégicamente em pontos específicos de suas bordas, fator que se deu devido ao processo histórico de ocupação nas faces litorâneas pela facilidade de acesso através de vias marítimas e atividade econômica de pesca. Seus maiores fluxos ocorrem em poucas vias principais e nas arteriais, contornando bairros e cruzando toda a sua extensão, concentrando comércios e serviços à suas margens (RUSSO, 1997).

As centralidades existentes se formaram a partir de zonas de comércio solidificadas, pontos de acesso marítimo, zonas de exploração pesqueira e vista privilegiada para a Baía de Guanabara. São zonas de interesse que atraem toda a população da Ilha do Governador e de bairros próximos.

14 bairros integrados

213 mil habitantes - Data Rio 2010

0,861 IDH

40,81 km² de extensão

24 linhas de ônibus

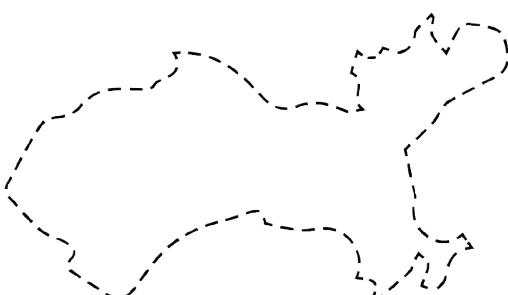
1 estação de barcas - CCR Barcas Cocotá

2 estações de BRT - Estações Galeão I e II

1 espaço cultural - Lona Cultural Renato Russo

1 biblioteca - Biblioteca Municipal Euclides da Cunha

2 áreas públicas poliesportivas - Parque Manuel Bandeira e Corredor Esportivo

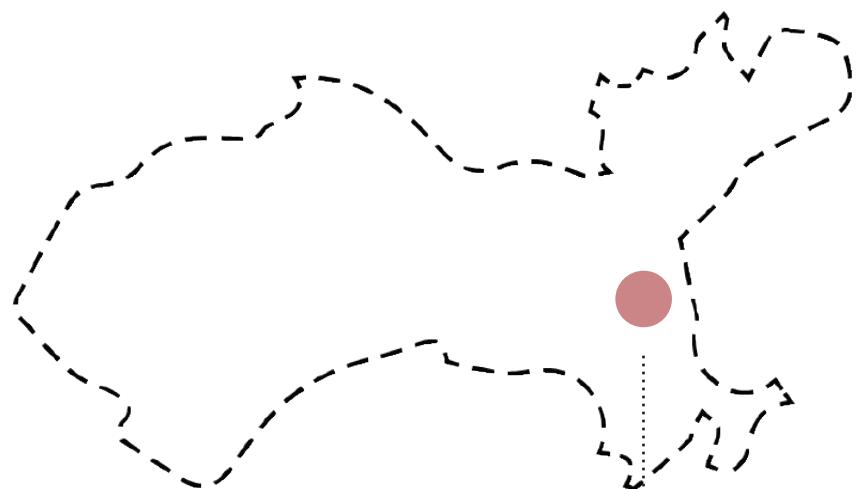




corredor esportivo

foto: rubem porto - 2013





Atualmente existem as seguintes atividades acontecendo simultaneamente no território insulano:

- grupos de **teatro**
- coletivos de **dança**
- coletivos de **música**
- coletivos de **artes plásticas**
- oficinas de **artes e artesanatos**
- atividades voltadas ao **cinema amador**
- biblioteca municipal

E seu único local de infraestrutura pública fixa é a Lona Cultural Renato Russo, no Cocotá, situada no Parque Manuel Bandeira (Aterro Cocotá).

áreas de ocupação predominantemente institucional e industrial



foto: google maps

análise ocupacional

As configurações de ocupação do território tiveram grande influência de sua formação geográfica, com povoamento iniciado nas áreas litorâneas, planícies e vales, e posteriormente nas regiões montanhosas. Possui uma densa e equilibrada ocupação distribuída entre o uso institucional e residencial.

áreas de ocupação predominantemente residencial



foto: google maps

fluxos prioritários



foto: google maps

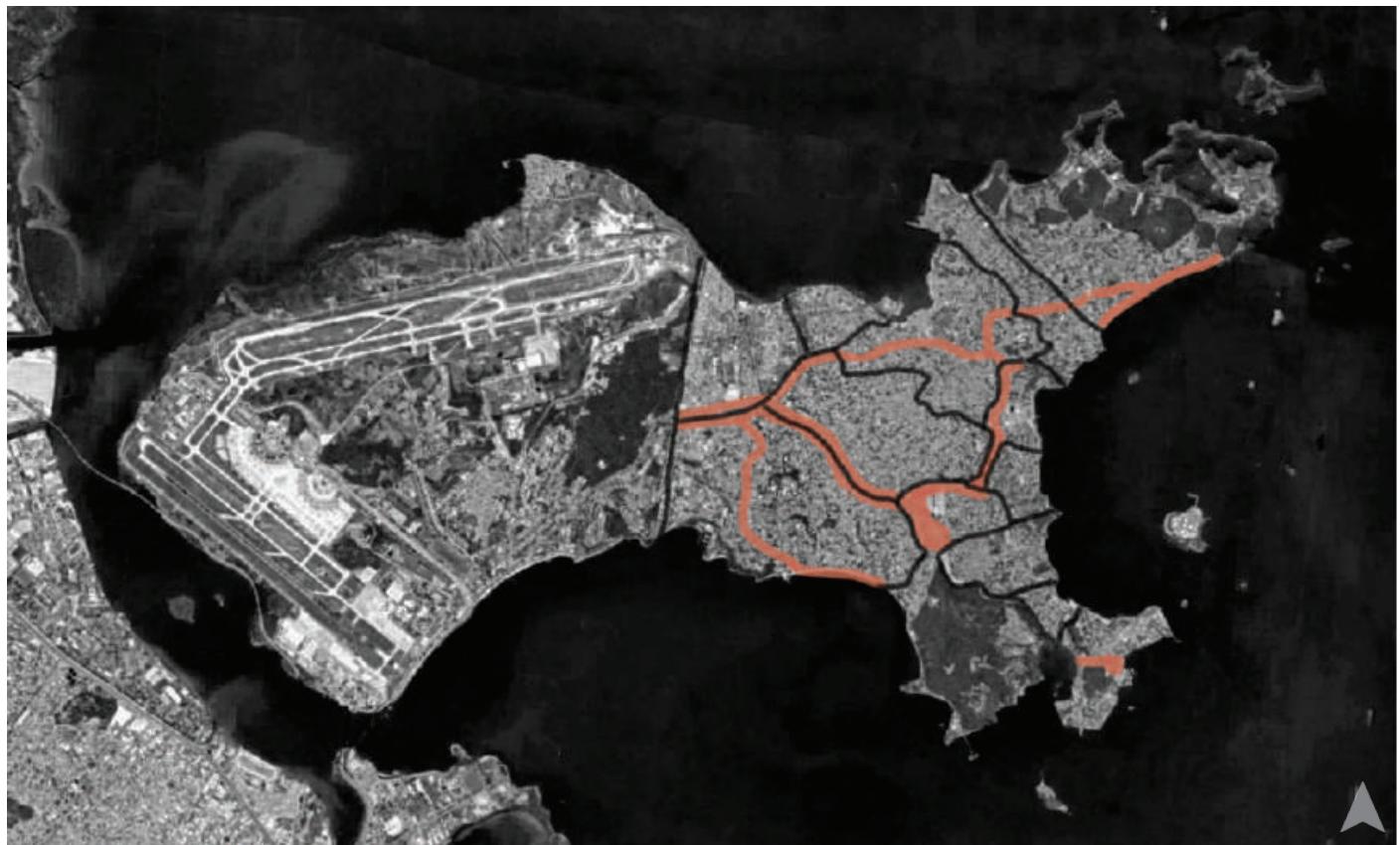


foto: google maps

Os comércios, serviços e vias de fluxo intenso se concentram em áreas de planícies e próximas ao litoral, fator influenciado pela facilidade de comunicação com o continente nos primórdios de sua ocupação.

centralidades existentes

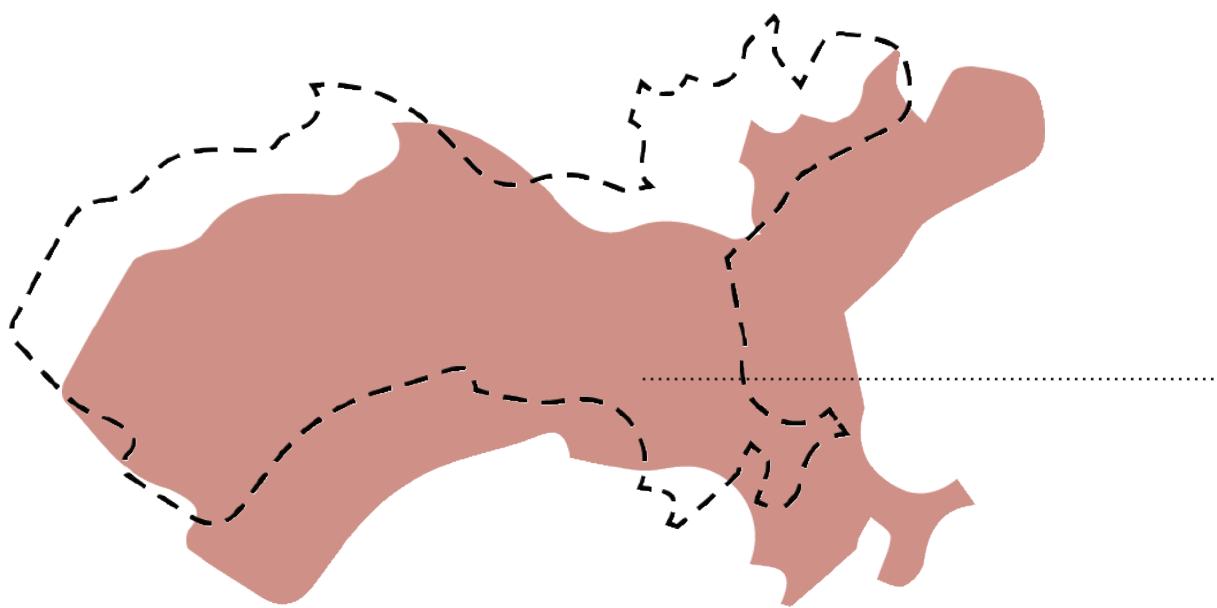


foto: google maps

centralidades insulanas

A forma de ocupação do solo da ilha também foi responsável por influenciar na configuração e distribuição de suas centralidades.

- 1. Praia da Bica:** caráter turístico e social com pouco uso ao longo do dia durante a semana (maior utilização nesse período durante os finais de semana) e maior frequência de uso ao longo de todos os dias no período noturno.
- 2. Cacuia:** forte caráter comercial com uso intenso durante o horário comercial e dias úteis.
- 3. Cocotá:** caráter comercial, cultural e boa acessibilidade através das barcas, com maior uso durante o horário comercial e dias úteis.
- 4. Ribeira:** caráter comercial, social e industrial com uso contínuo moderado todos os dias da semana, em todos os horários.



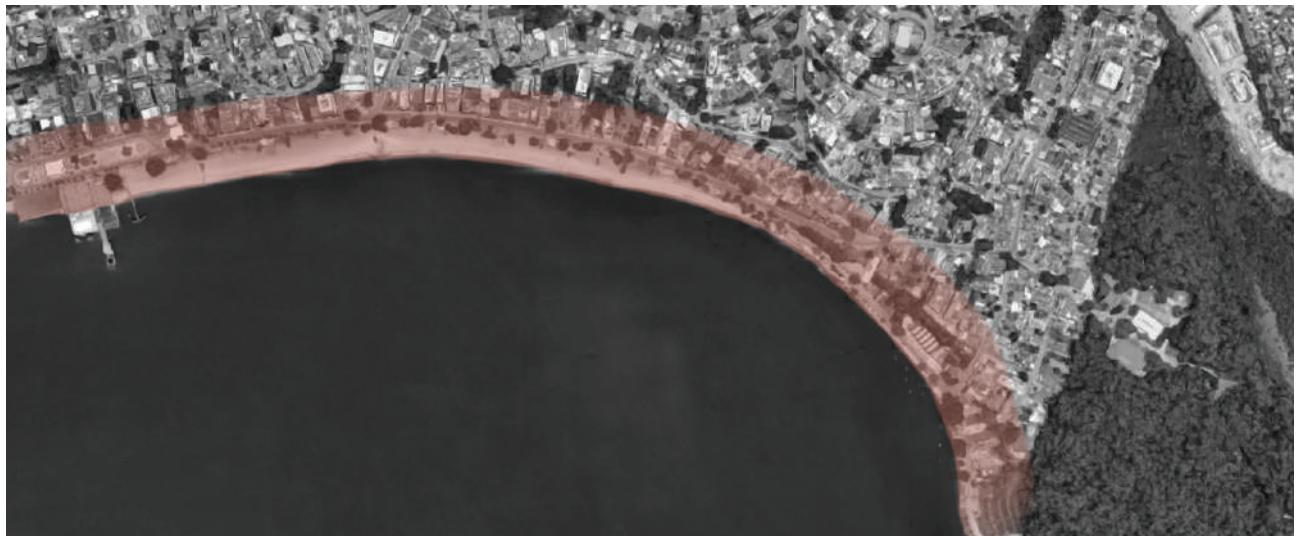
sítio de intervenção

a escolha do sítio

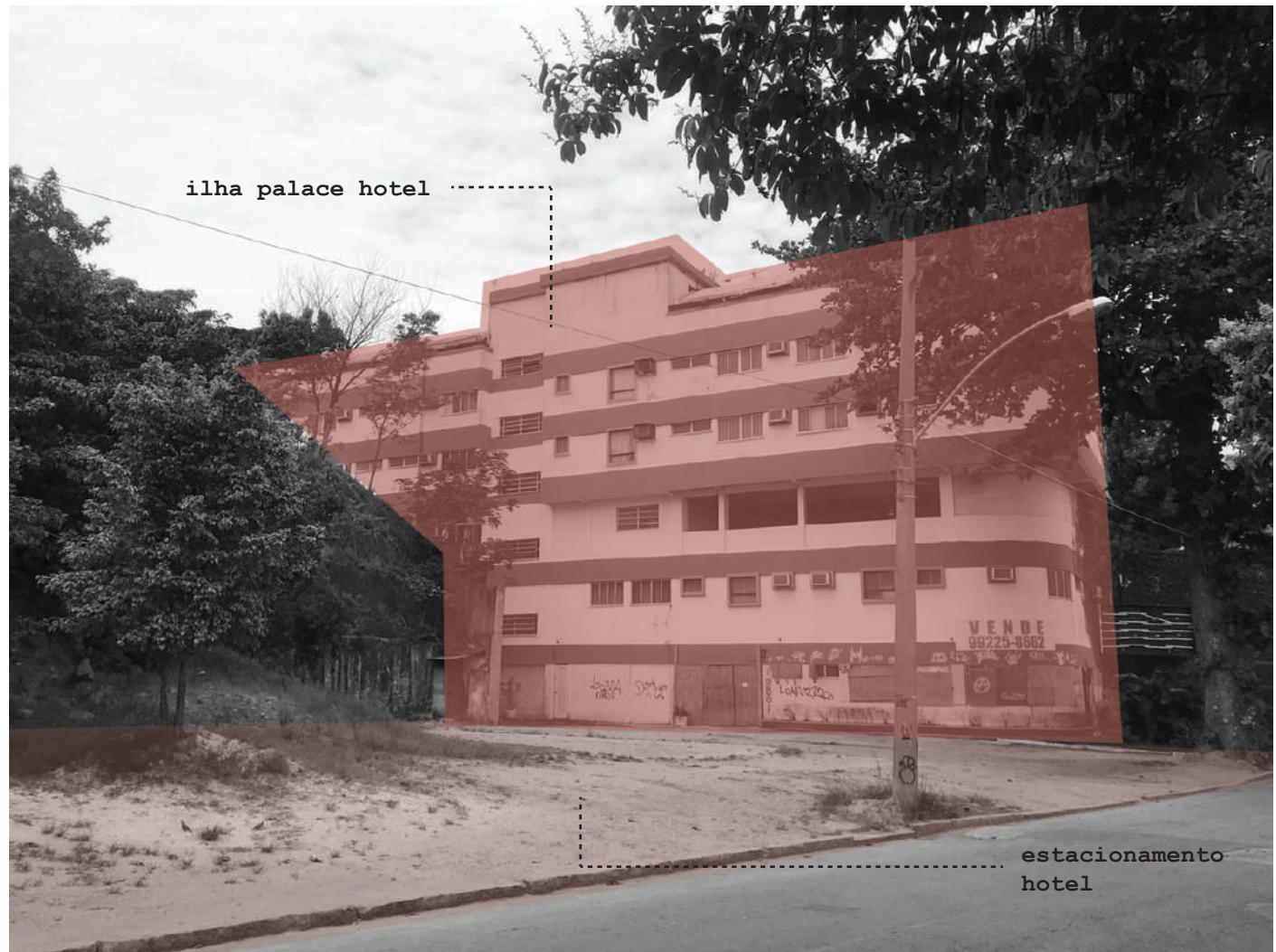
Após uma extensa análise em cima das potencialidades e fragilidades de todas as centralidades existentes na região, e sendo o objetivo do trabalho o acesso vasto e democrático à cultura, a escolha foi feita a partir do estudo dos sítios disponíveis com base nessas premissas.

Dentre as opções estudadas, o terreno localizado na Praia da Bica foi selecionado como área de intervenção. Como uma centralidade de forte caráter social, é um dos principais locais onde a população utiliza para lazer, encontros sociais e festividades. Porém esses usos ocorrem principalmente no período noturno e finais de semana, tornando a região subutilizada no decorrer dos demais dias e horários, especialmente na área que abrange o sítio.

Fazendo o levantamento das edificações e terrenos ociosos ao longo da orla, deparei-me com o antigo Ilha Palace Hotel, desativado e abandonado há mais de 6 anos. Seu lote espaçoso faz fronteira com duas ruas, possuindo um acrivo de 10 metros entre a parte inferior, na Avenida Almirante Alves Câmara Junior (orla) e superior, na Rua Ipiru. A área possui boa acessibilidade tanto para pedestres quanto para trsnporte público, e o acesso pelas duas ruas em níveis distintos potencializa suas formas de uso.



localização praia da bica
foto: google maps



lote do projeto - av. almirante alves câmara júnior
foto: acervo pessoal - 2019



vista do mirante - rua ipiru

foto: acervo pessoal - 2019

O intuito do projeto aqui proposto será utilizar parte da edificação existente e trabalhar sua volumetria de forma a trazer identidade e maior integração com seu entorno imediato, porém devido à falta de informações técnicas do edifício, foi feito exame visual dos elementos construtivos e estruturais existentes.

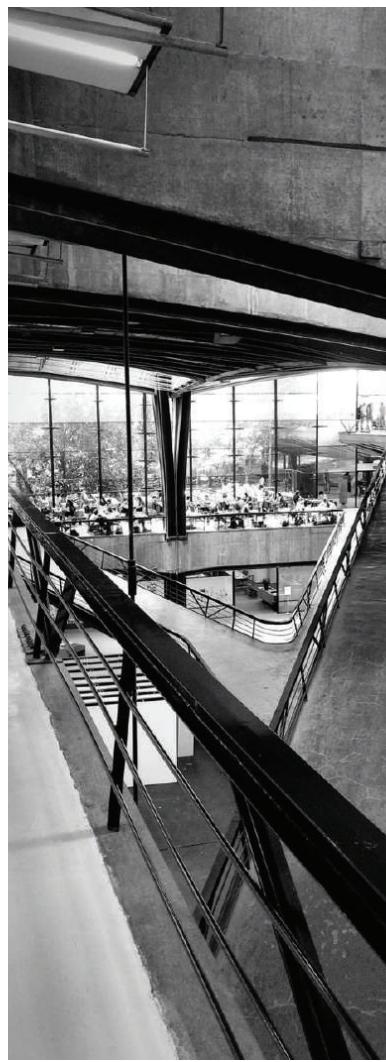
Não serão feitas grandes intervenções nos desníveis do terreno, preservando o existente, mas adicionando e potencializando suas zonas de interesse.

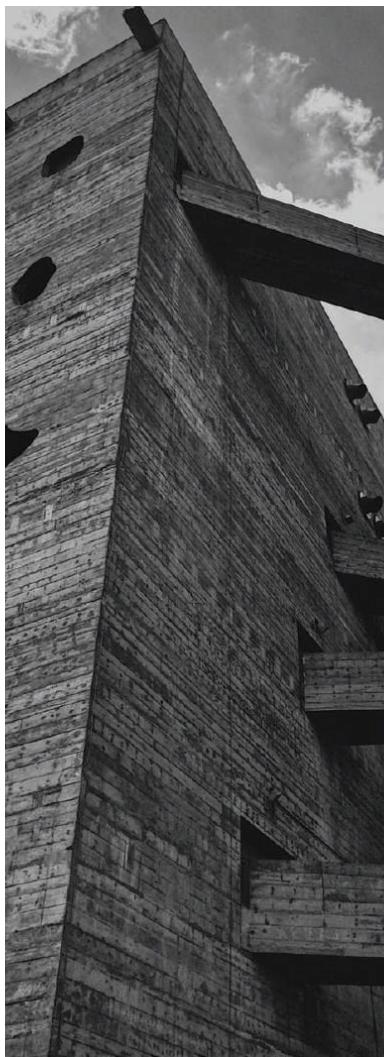


mirante - rua ipiru

foto: acervo pessoal - 2019

Precedentes







ccsp - bloco exposições
foto: acervo pessoal
2019



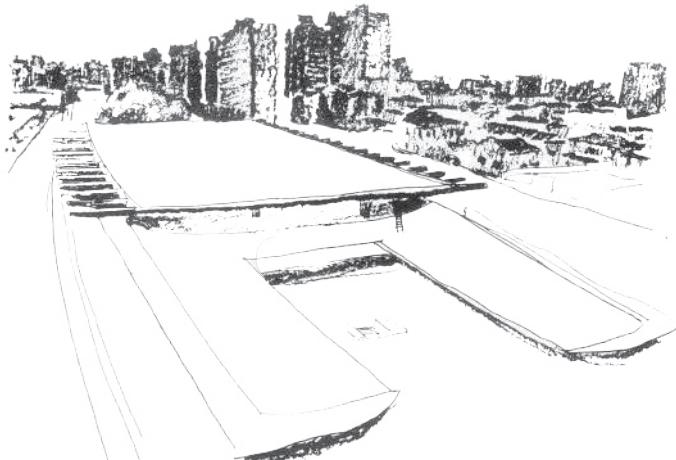
centro cultural são paulo

mirante . espacialidade . percursos . apropriação

Clássico da arquitetura brasileira, o projeto chama a atenção pela forma de implantação e distribuição da sua espacialidade interna de forma completa e eficaz. O edifício integra-se à paisagem da cidade, sem se impor visualmente, constituindo-se como passagem e ponto de encontro diário para os mais diversos públicos.

Longitudinalmente, toda a edificação é percorrida por uma "rua interna", responsável por distribuir e articular todos os fluxos e circulações no projeto, além de permitir sua livre apropriação.

Sua grande cobertura verde é mais uma atração de destaque. Nela encontramos as funções de jardim, horta comunitária e mirante para a cidade, proporcionando uma área de respiro em meio ao entorno urbano densamente ocupado. Espaço de contemplação, oásis cultural em meio a selva de pedra.



projeto: Eurico Prado Lopes e Luis Telles

local: são paulo - sp

ano: 1982

área: 46500 m2

programa: centro cultural

perspectiva geral
figura: archidaily

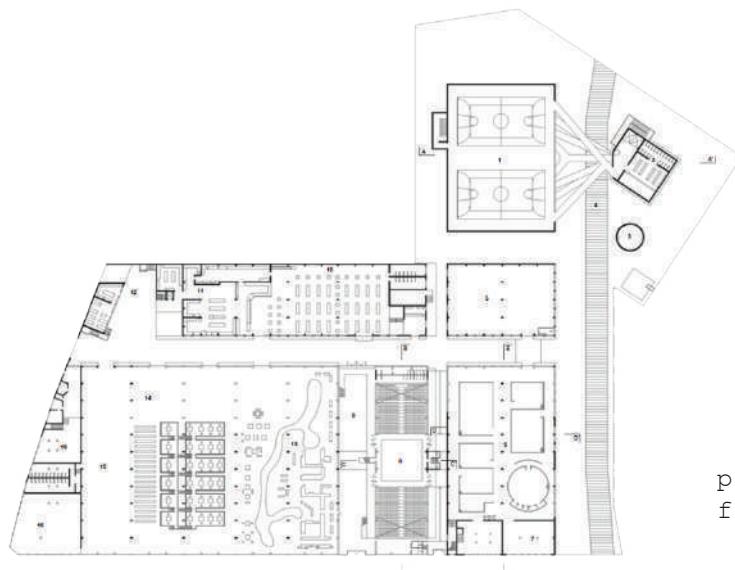


sesc pompéia - bloco esportivo
foto: acervo pessoal
2019

materialidade . vitalidade . liberdade . interação

Relação entre o existente e o novo. Misto de materiais consagrados na história da arquitetura brasileira - tijolo maciço e concreto. Cores que trazem identidade ao edifício. O projeto arquitetônico permitiu reintegrar a fábrica de tambores desativada ao contexto onde está inserido, revitalizando o espaço e seu entorno imediato, transmitindo maior segurança, trazendo vitalidade urbana.

Se configura pela setorização de usos em blocos distintos, voltados para atividades específicas. Sua espacialidade foi concebida de forma a fornecer ao usuário, pleno acesso e poder de ocupação em todo o ambiente destinado à exposições e eventos, garantindo uma intensa troca com o espaço desde o primeiro momento.



projeto: Lina Bo Bardi

local: são paulo - sp

ano: 1982

área: 23571 m2

programa: centro cultural e esportivo

planta baixa geral
figura: archidaily



sesc 24 de maio

foto: acervo pessoal
2019

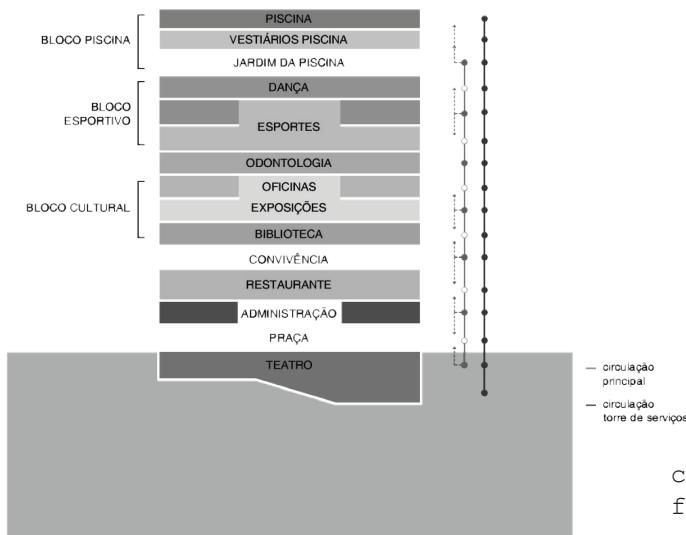


circulação . lazer . percursos . polivalência

Localizado na área central da cidade de São Paulo em meio a edifícios históricos e modernistas, o projeto tráz para a região movimentada, outra dinâmica de ocupação da arquitetura urbana.

O edifício traz em sua essência o percurso como forma de traçar arquitetura. Seu térreo em formato de praça, suas rampas que dão acesso à todos os pavimentos e a disposição dos espaços internos convida o visitante a um passeio pela arquitetura concebida.

A exploração da relação entre interior e exterior em pontos específicos do projeto torna seus ambientes agradáveis ao estar e contemplação. Seu programa extenso e completo, contempla atividades para todas as idades e tipos de público.



projeto: Paulo Mendes da Rocha e MMBB Arquitetos

local: são paulo - sp

ano: 2017

área: 27865 m²

programa: centro cultural e esportivo

corte esquemático do programa
figura: archidaily

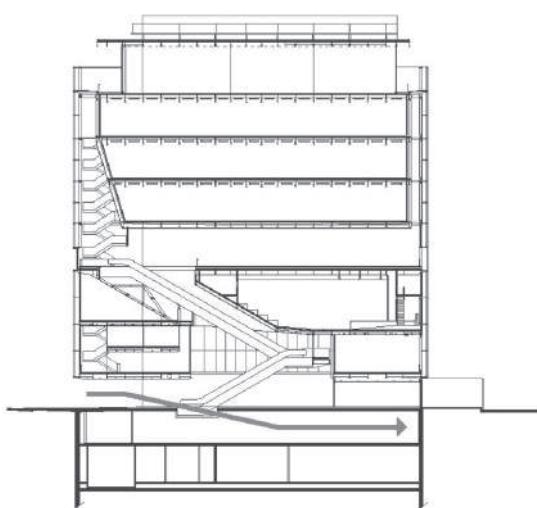


ims paulista - praça
foto: acervo pessoal
2019

verticalidade . transitoriedade . mirante . sensorial

Localizado às margens da avenida mais famosa de São Paulo, a Avenida Paulista, o projeto verticalizado convida o usuário para uma experiência exploratória dos níveis da edificação. Sua praça mirante - principal elemento articulador do projeto - no centro do edifício é a porta de entrada para o público. Com piso de pedras portuguesas que remetem às originárias calçadas da avenida e dão aconchego, trazem uma atmosfera mais descontraída para o nível onde também se localizam o café, loja e bilheteria. O posicionamento do acesso principal nesse pavimento se deu a fim de garantir um melhor fluxo para os usuários e visadas incríveis da paisagem da cidade.

A praça elevada fornece uma nova concepção de porta de entrada através da transição da escala da cidade para a escala do museu de forma gradual.



projeto: Andrade Morettin
Arquitetos Associados

local: São Paulo - SP

ano: 2017

área: 8662 m²

programa: centro cultural e
museu

corte longitudinal
figura: archidaily

PODCAST

ressignificar

A ideia de reapropriação das ambiências existentes que se encontram subutilizadas, estimulando e trazendo uma nova forma de uso do espaço público, surge como resposta a problemática pontuada.

ressignificação da arquitetura e seu diálogo com o entorno, promovendo uma relação harmônica entre usuário, arquitetura e espaço público, além da valorização da vista para a Baía de Guanabara



a vista

foto: acervo pessoal
2019



localização sítio - visão

serial

foto: google maps



legislação

lei complementar nº11: 1 de fevereiro de 2011
ZRM 3 - T

zona residencial multifamiliar 3 turística

decreto nº26.166: 9 de janeiro de 2006

cria pólo jardim guanabara/ilha do governador

3 pavimentos

3m afastamento frontal

compreensão do sítio



visão serial
fotos: acervo pessoal
2019

sítio

localizado entre a Av. Almirante Alves Câmara Júnior (orla) e Rua Ipiru, localizada a 10 metros acima do nível da primeira

área total terreno

2176m²

área total intervenção

4411m²



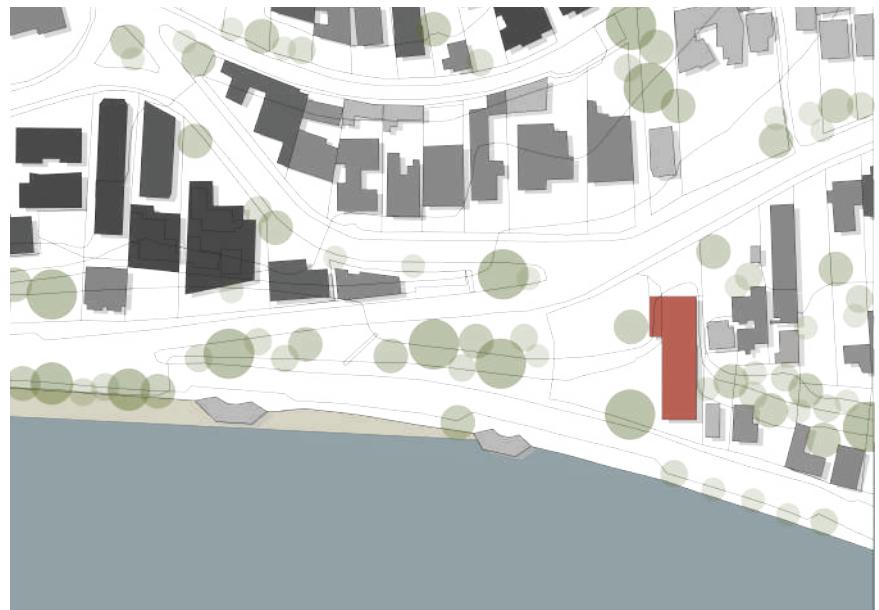
insolação

potencial construtivo

iat 1,4

área total edificável

3046,4m²



gabaritos



taxa de ocupação e permeabilidade

50% ocupação

20% permeabilidade
área total edificável
por pavimento

1088m²

área livre por
pavimento

1088m²

..... fluxo pedestres

↔ fluxo menor

→ fluxo maior

→ acessos edificação

● ponto de ônibus



..... rua ipiru
..... rua carmém miranda
..... av. almirante alves
..... câmara júnior

■ residencial

■ comercial

■ cultural



Os centros culturais no Brasil possuem forte importância na propragação democrática da cultura, não só brasileira, mas mundial. São palcos para exposições emblemáticas e admiráveis, deixam-se apropriar pelos usuários e fazem deles, parte da vida do espaço urbano e arquitetônico.

A partir de conversas com moradores e artistas da região, o fator comum que se destaca em seus depoimentos se da pela queixa da falta de infraestrutura fixa de qualidade para a realização de programações culturais.

Dito isso, e tendo os depoimentos assimilados, O programa do projeto aqui proposto será responsável por garantir à população pleno acesso à infraestrutura necessária para a realização das atividades:

- **espetáculos teatrais + musicais**
- **exposições artísticas**
- **oficinas artísticas**
- **oficinas educacionais**
- **midiateca + brinquedoteca**
- **livraria + bistrô**
- **mirante para a baía de guanabara**

A setorização do programa foi distribuída de tal forma que atribuísse a cada pavimento, usos em comum através das subcentralidades criadas por toda edificação, dessa maneira direcionando melhor o público e seus interesses.

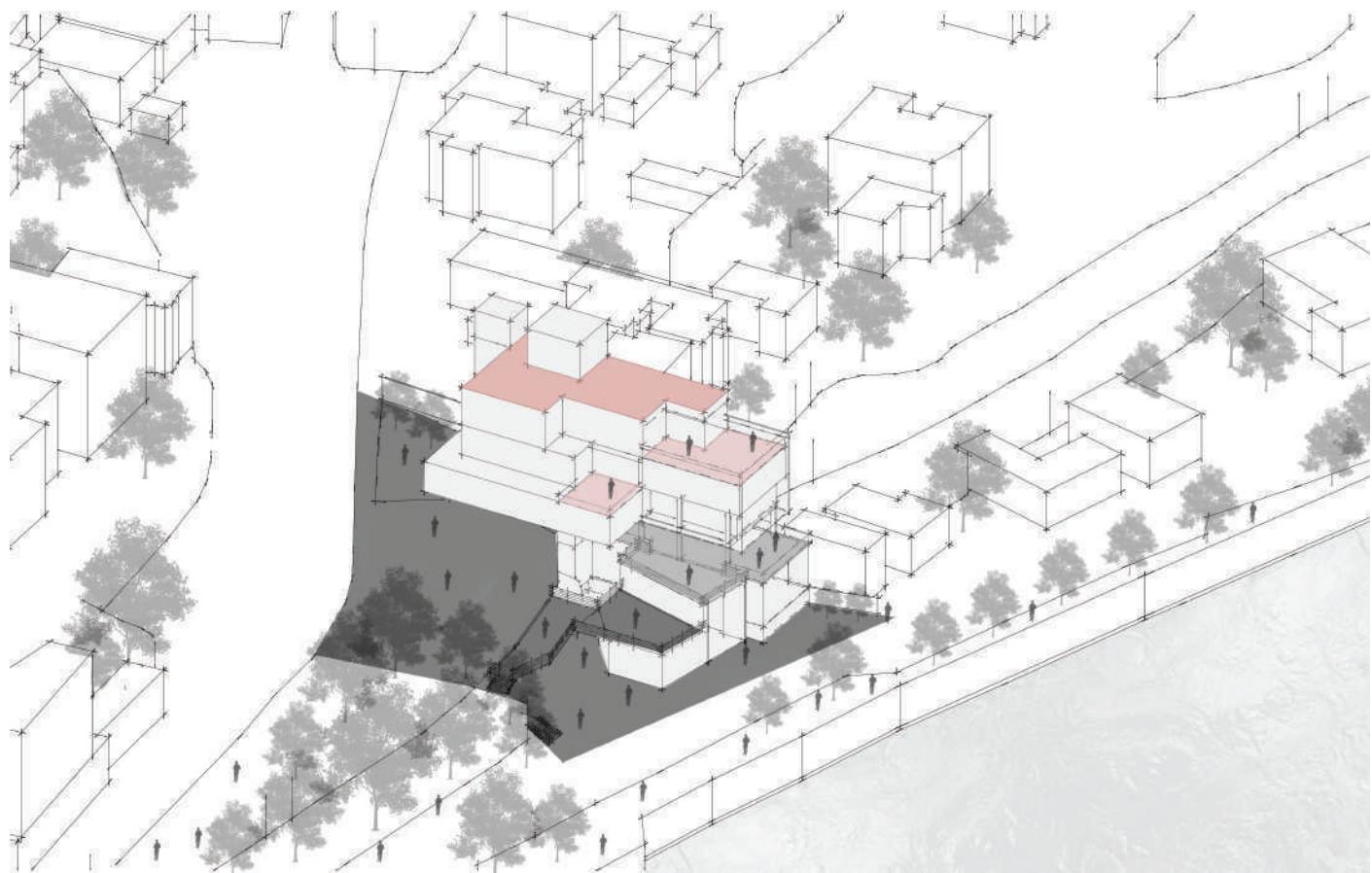
pontos de interesse

livre circulação

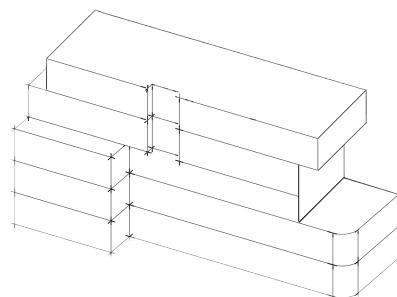
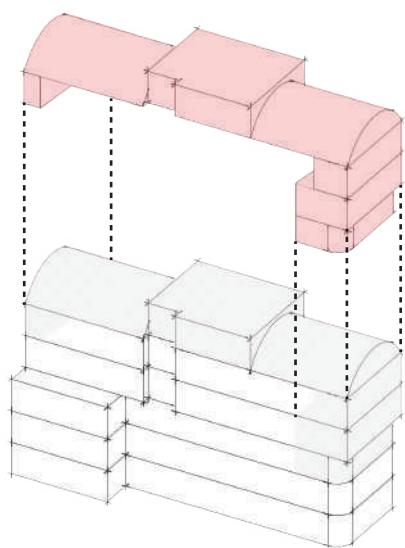
livre apropriação

A disposição das praças e mirantes criados garante a livre circulação nesses espaços pelo público sem a obrigatoriedade de adentrarem em outros pavimentos do Centro de Artes.

Implementar subcentralidades através de pontos de interesse distribuídos pela edificação é a estratégia usada para garantir que o programa do projeto atenda os mais diversos públicos, sejam usuários das atividades propostas ou apenas visitantes em busca de um espaço público de qualidade.



- público
- semi-público
- semi-privado
- privado



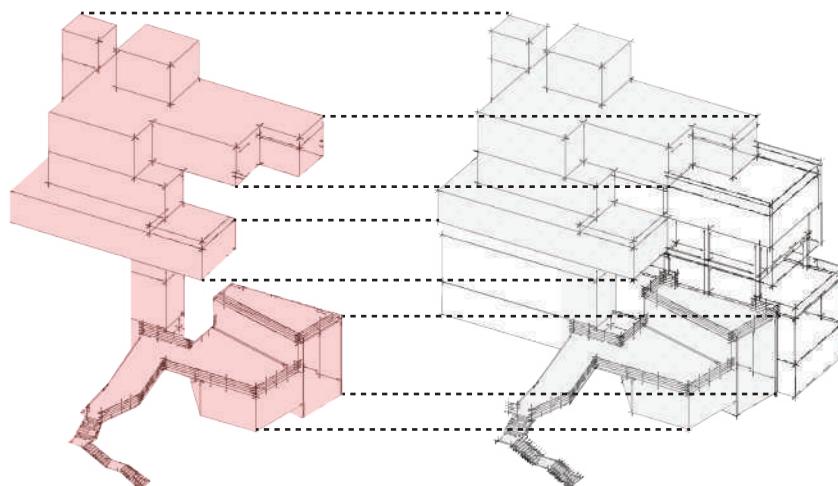
proposta arquitetônica

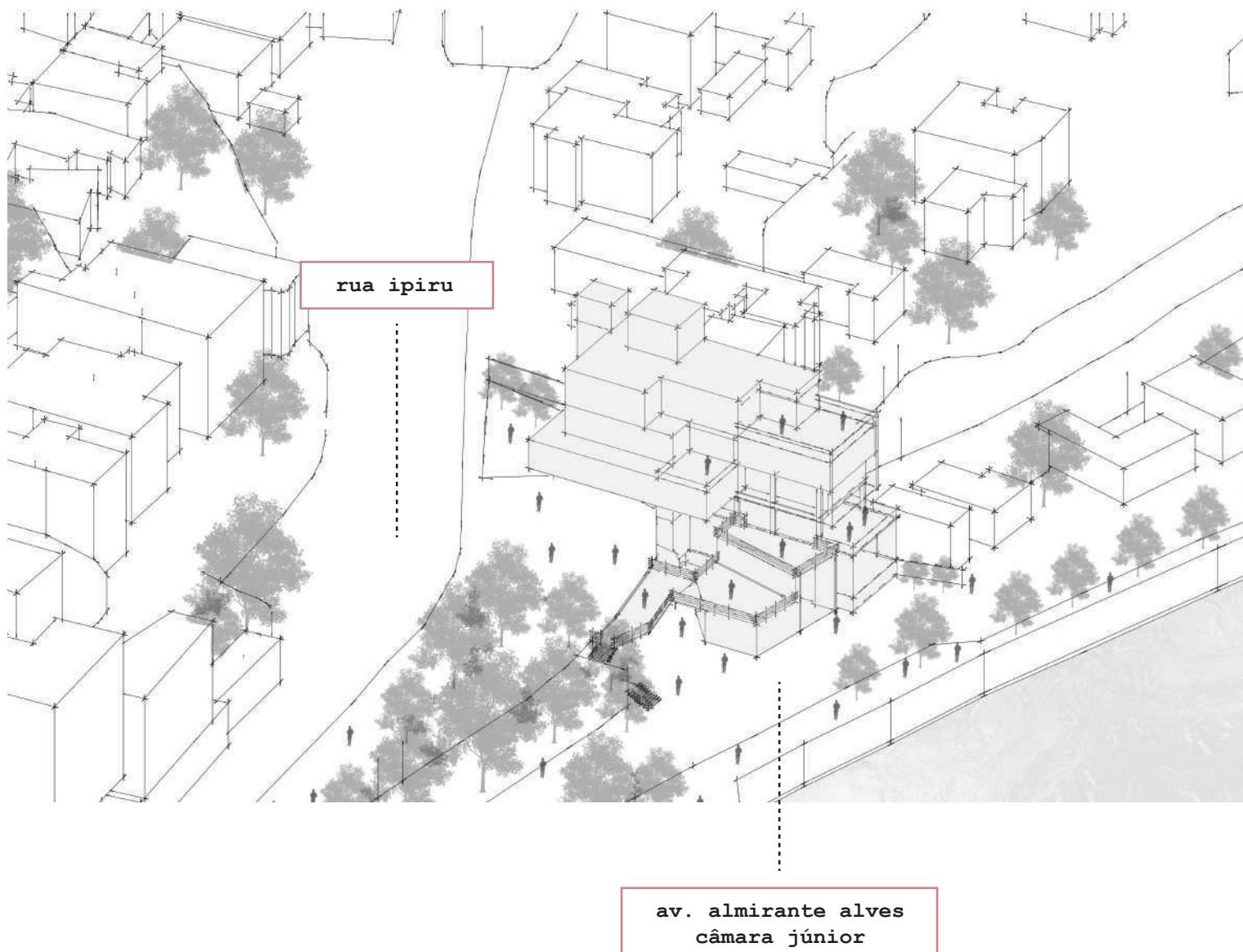
A edificação proposta surge a partir da reestruturação da volumetria preexistente.

Seus primeiro e segundo pavimentos são aproveitados e remodelados de forma a se integrar com as maiores intervenções feitas nos pavimentos superiores.

Recuos e avanços nas fachadas, trechos permeáveis e novas volumetrias criadas são os responsáveis por trazer para a edificação sua nova identidade e proporcionar novas experiências e vivências com o objeto arquitetônico.

A criação de uma volumetria anexa no nível da Av. Almirante Alves Câmara Júnior é feita para oferecer um novo ambiente de estar para os frequentadores, tornando-se mais um ponto de interesse. Sua função também é trazer novas visadas da paisagem através da adição de novos mirantes em níveis distintos, provocando uma nova forma de apropriação e interação com a edificação e a praça localizada no trecho inferior do lote, mais próximo da Baía de Guanabara.





O projeto tem acesso por duas ruas distintas, que se bifurcam na extremidade da quadra que ocupam e possuem um desnível de 10m. A Rua Ipiru, localizada na parte mais alta do terreno, voltada para dentro do bairro e rodeada por residências. A Avenida Almirante Alves Câmara Júnior, na parte inferior fazendo fronteira com o calçadão da orla e a Baía de Guanabara. O Centro de Artes Polivalente possui acesso por ambas a fim de explorar a volumetria e suas potencialidades de usos:

v i s t a

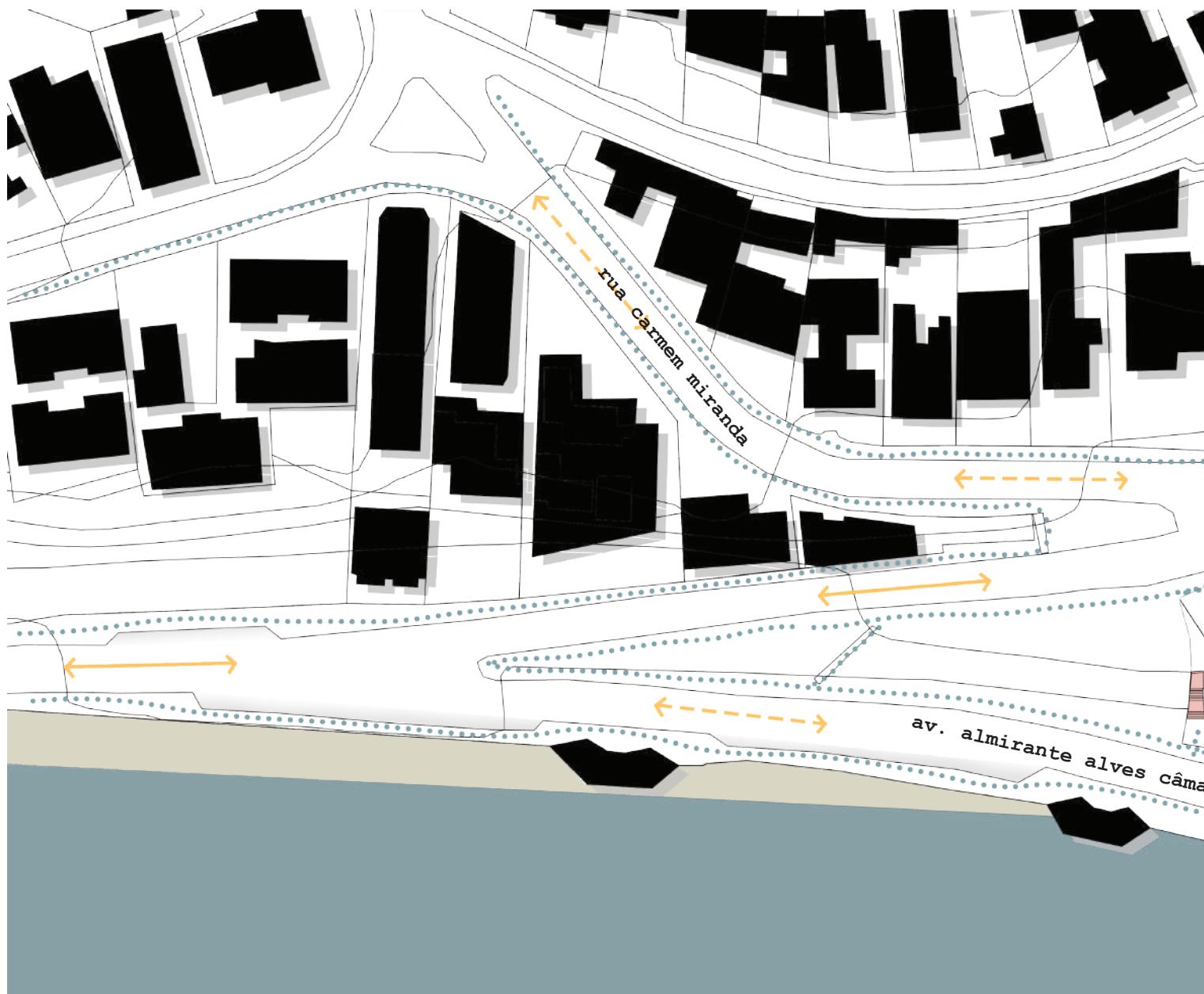
e s p a ç o s d e a p r o p r i a ç ã o

a t i v i d a d e s p ú b l i c a s

Os acessos pelo nível da orla estão localizados na lateral da edificação voltada para o sentido de maior fluxo e circulação de pessoas, na praça e bar + café criados, de forma que se tornem mais convidativos aos transeuntes e usuários.

O acesso pelo nível superior, localizado na Rua Ipiru é feito através de um lance de patamares e rampa posicionados de forma a direcionar o fluxo para a edificação vindos do mirante ao ar livre e calçada.

fluxos permeáveis



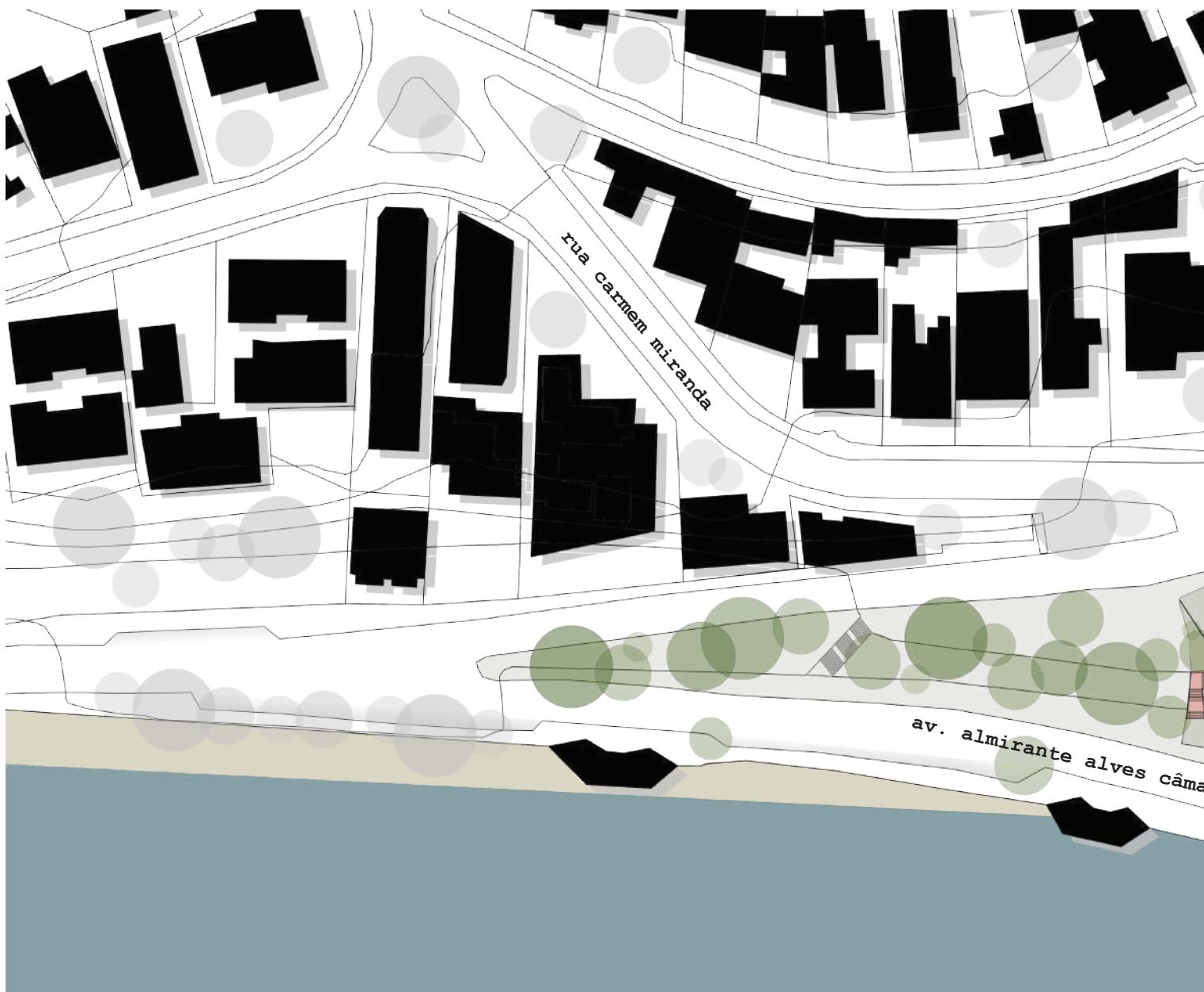


- subcentralidades / pontos de interesse
- fluxo pedestres
- ↔ fluxo menor
- fluxo maior
- novos acessos edificação
- ponto de ônibus



planta de situação

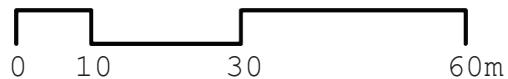
trecho final praia da bica





proposta de projeto

área total construída **3024,50m²**
área total livre **1673,00m²**



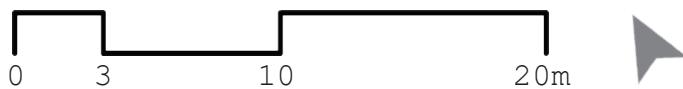
praça para a orla

Na Av. Almirante Alves Câmara Júnior são posicionados dois acessos. Um direcionado aos visitantes e usuários do Centro de Artes, com ligação direta à bilheteria, administração e hall de circulação. E o segundo através do bar + café, com possibilidade de acesso interno às áreas comuns e bilheteria.

A praça praia é criada com o intuito de oferecer um espaço livre de qualidade para ser usado como área de estar e extensão do calçadão da orla. Uma área mais ampla com atrativos como o mirante e o acesso ao Centro de Artes Polivalente, além do bar + café, criado com o intuito de fornecer mais um ponto de interesse para a atividade boêmia já muito presente na extensão da Praia da Bica, porém enfraquecida nesse trecho.

- | | |
|------------------------------------|--------------------------------------|
| 1. praça praia | 11. sala de reuniões |
| 2. bar + café | 12. circulação |
| 3. jardim interno + acesso praia | 13. vestiário feminino funcionários |
| 4. hall entrada praia + bilheteria | 14. vestiário masculino funcionários |
| 5. exposições | 15. copa |
| 6. antecâmara | 16. dml |
| 7. escada | 17. circulação serviço |
| 8. direção | 18. hidrante |
| 9. administração | 19. shaft instalações |
| 10. sala de reuniões | 20. shaft instalações |

área total construída 676,80m² 
área total livre 466,90m²



nível -2
praça praia



espetáculos à vista

A escolha pela localização do auditório e seu palco se deu pela possibilidade de explorar os enquadramentos da Baía de Guanabara como plano de fundo de alguns eventos e apresentações. Cortinas fechadas para eventos mais intimistas e exibições e cortinas abertas para um cenário com paisagem singular.

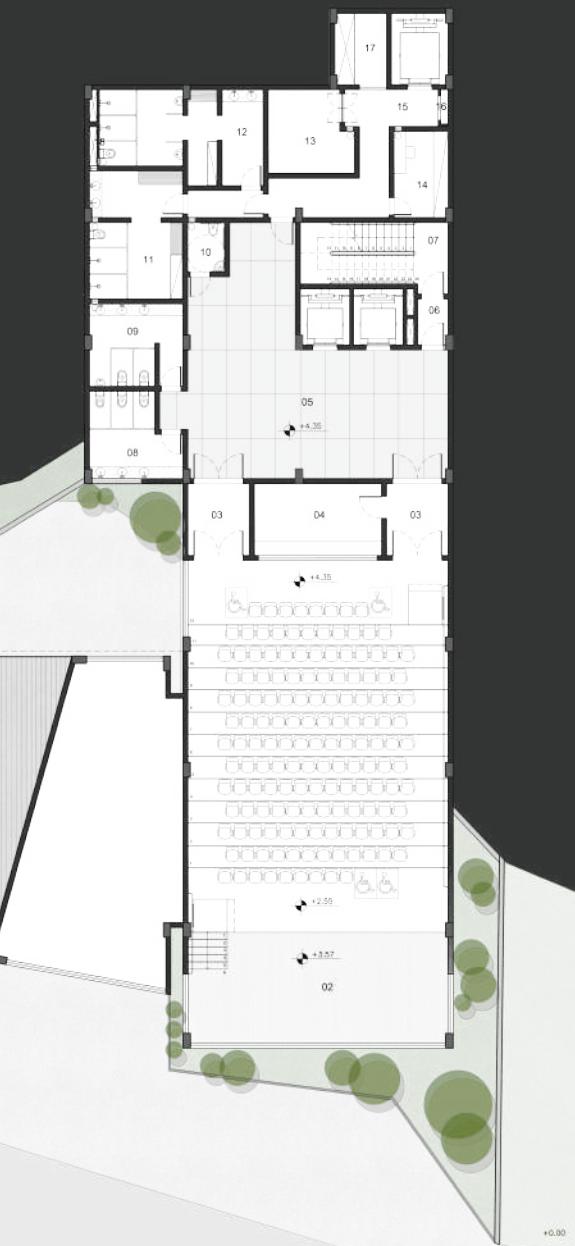
- 1. mirante
- 2. auditório
- 3. antecâmara auditório
- 4. cabine de exibição
- 5. lounge auditório
- 6. antecâmara
- 7. escada
- 8. banheiro feminino
- 9. banheiro masculino

- 10. banheiro pcd
- 11. vestiário feminino seguranças
- 12. vestiário masculino seguranças
- 13. dtl
- 14. serviços gerais e manutenção
- 15. circulação serviço
- 16. hidrante
- 17. shaft instalações
- 18. shaft instalações

área total construída **497,20m²**
área total livre **93,25m²**



nível -1
auditório



av. almirante alves câmara júnior

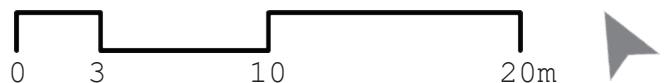
O acesso pela Rua Ipiru tem como intenção a extensão da rua, fazendo com que ela adentre a edificação através da praça mirante. Os usuários são convidados a explorar o pavimento de forma livre, servindo como espaço de permanência ou passagem para acesso aos outros pavimentos da edificação.

- 1. terraço mirante
- 2. praça mirante
- 3. sala de vídeo
- 4. lavabo
- 5. sala de controle predial
- 6. antecâmara
- 7. escada
- 8. dtl
- 9. sala de controle entrada/saída serviço
- 10. circulação serviço
- 11. hidrante

- 12. shaft instalações
- 13. shaft instalações
- 14. bilheteria + guarda-volumes
- 15. hall entrada praça mirante ipiru
- 16. banheiro família/pcd
- 17. banheiro masculino
- 18. banheiro feminino
- 19. mirante ipiru
- 20. vaga + área carga/descarga
- 21. medidores

área total construída 464,75m²

área total livre 928,80m²



nível 0

praça mirante ipiru



- 1. salão de exposições
- 2. hall exposições
- 3. escada
- 4. antecâmara
- 5. armário apoio
- 6. circulação serviço
- 7. hidrante
- 8. shaft instalações

- 09. shaft instalações
- 10. midiáteca
- 11. sala de informática
- 12. gerenciamento almoxarifado
- 13. almoxarifado
- 14. banheiro família/pcd
- 15. banheiro masculino
- 16. banheiro feminino

área total construída **561,55m²**



nivel 1
expo



território de desenvolvimento

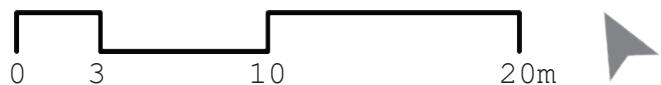
A escolha por reservar um pavimento inteiro destinado à prática de atividades artísticas torna esses espaços um conjunto educativo para o despertar e aprimoramento das habilidades da população que busca nas aulas de música, dança, teatro e artes, uma forma de desenvolvimento intelectual e profissional.

As salas de artes e de dança possuem ligação entre si, possibilitando usos mais dinâmicos e interativos desses espaços.

Também foi criado duas áreas sociais - espaço convivência e terraço - fornecendo aos usuários ambientes de estar e convívio (mais reservados do público em geral) entre as atividades.

- | | |
|-----------------------|-------------------------|
| 1. oficina de música | 10. armário de apoio |
| 2. oficina de dança | 11. circulação serviço |
| 3. oficina de dança | 12. hidrante |
| 4. oficina de artes | 13. shaft instalações |
| 5. oficina de artes | 14. depósito oficinas |
| 6. oficina de teatro | 15. shaft instalações |
| 7. espaço convivência | 16. vestiário feminino |
| 8. antecâmara | 17. vestiário masculino |
| 9. escada | 18. terraço |

área total construída **447,70m²** ►
área total livre **52,45m²**



nivel 2
oficinas



zona de troca e relaxamento

Como último pavimento de um projeto onde se preza a valorização da relação com o entorno e os espaços de troca - sejam elas culturais, pessoais, políticas, de conhecimentos e vivências - seria indispensável a exploração dessa ambiência como mais um local destinado à essas práticas. A livraria do Centro de Artes Polivalente conjuntamente com a área do café + bistrô e o terraço são meios convidativos para isso. O terraço com espreguiçadeiras e espelho d'água em fita trás para dentro do projeto, a sensação de extensão da orla da praia para dentro do edifício. A vista livre para a Baía de Guanabara e a cota mais elevada, mais próxima aos pássaros e copas das árvores é um agradável convite para um momento de relaxamento.

- | | |
|-----------------------|--------------------------|
| 1. terraço | 11. shaft instalações |
| 2. café + bistrô | 12. banheiro família/pcd |
| 3. hall social | 13. banheiro masculino |
| 4. antecâmara | 14. banheiro feminino |
| 5. escada | 15. livraria + loja |
| 6. armário apoio | 16. antecâmara cozinha |
| 7. circulação serviço | 17. dtl cozinha |
| 8. hidrante | 18. cozinha |
| 9. shaft instalações | 19. câmara fria |
| 10. depósito | 20. despensa |

área total construída 319,40m²
área total livre 131,60m²



nível 3
terraço



1. antecâmara
2. escada
3. casa de máquinas
4. laje
5. casa de máquinas
6. shaft instalações

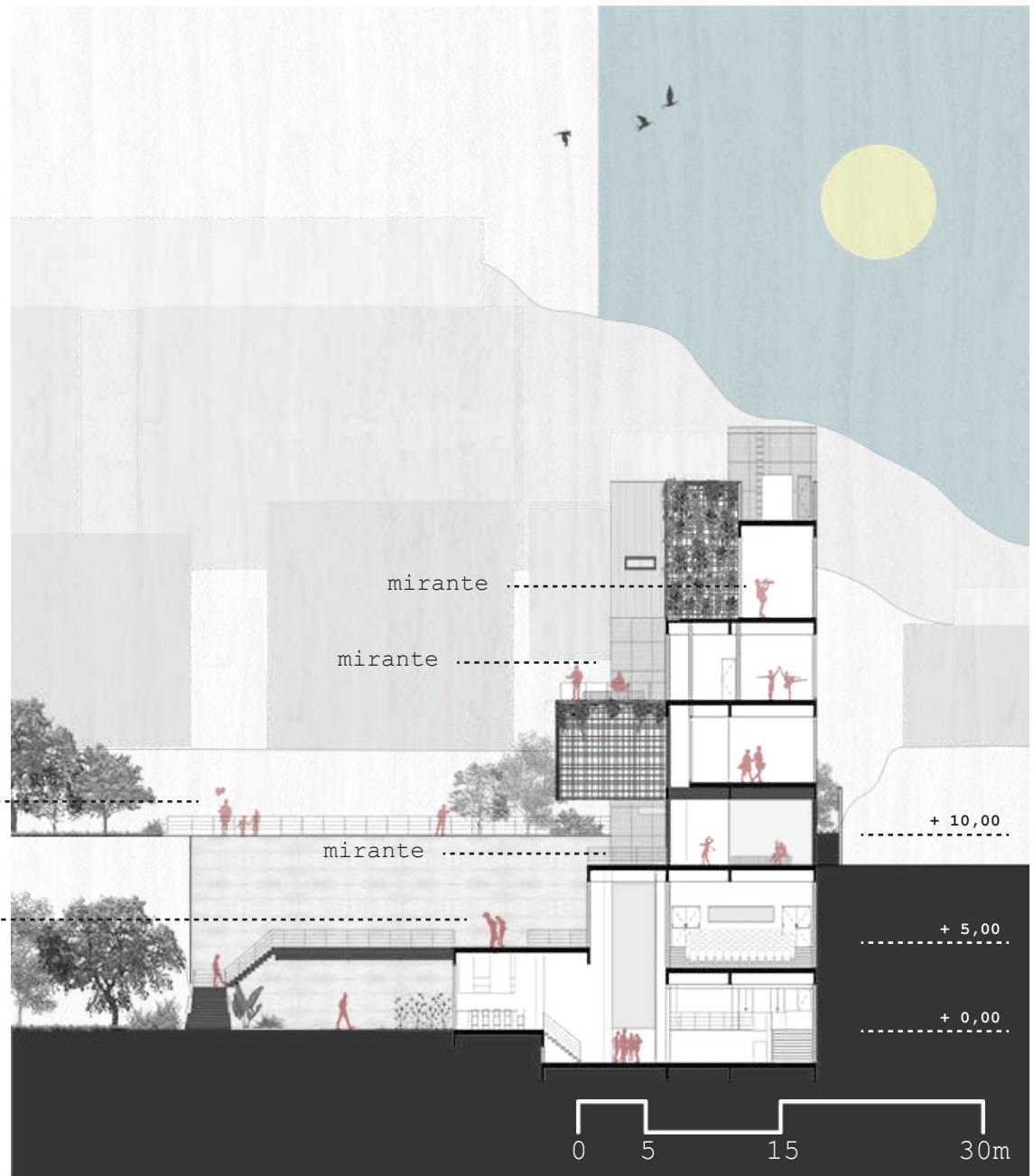
área total construída **57,15m²**
área total livre **248,15m²**

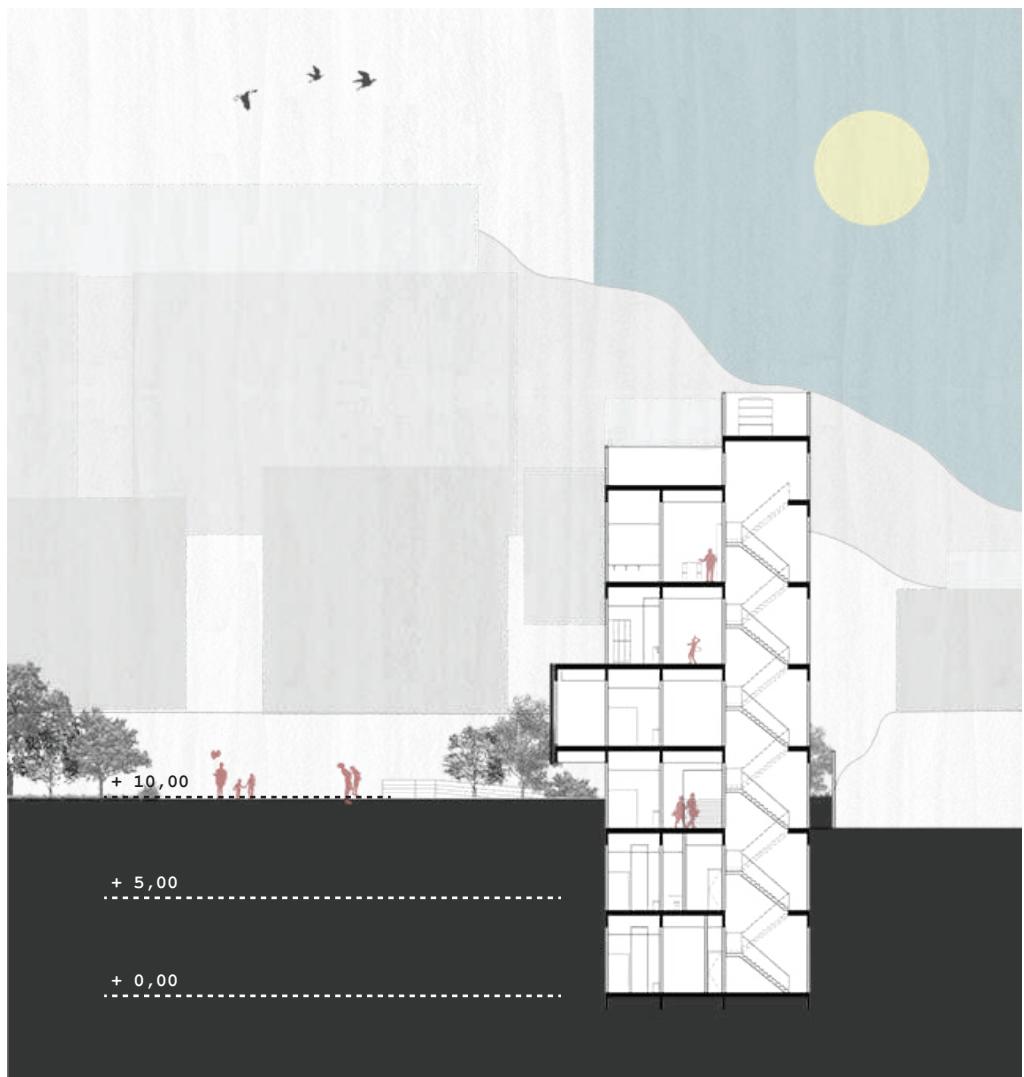


cobertura



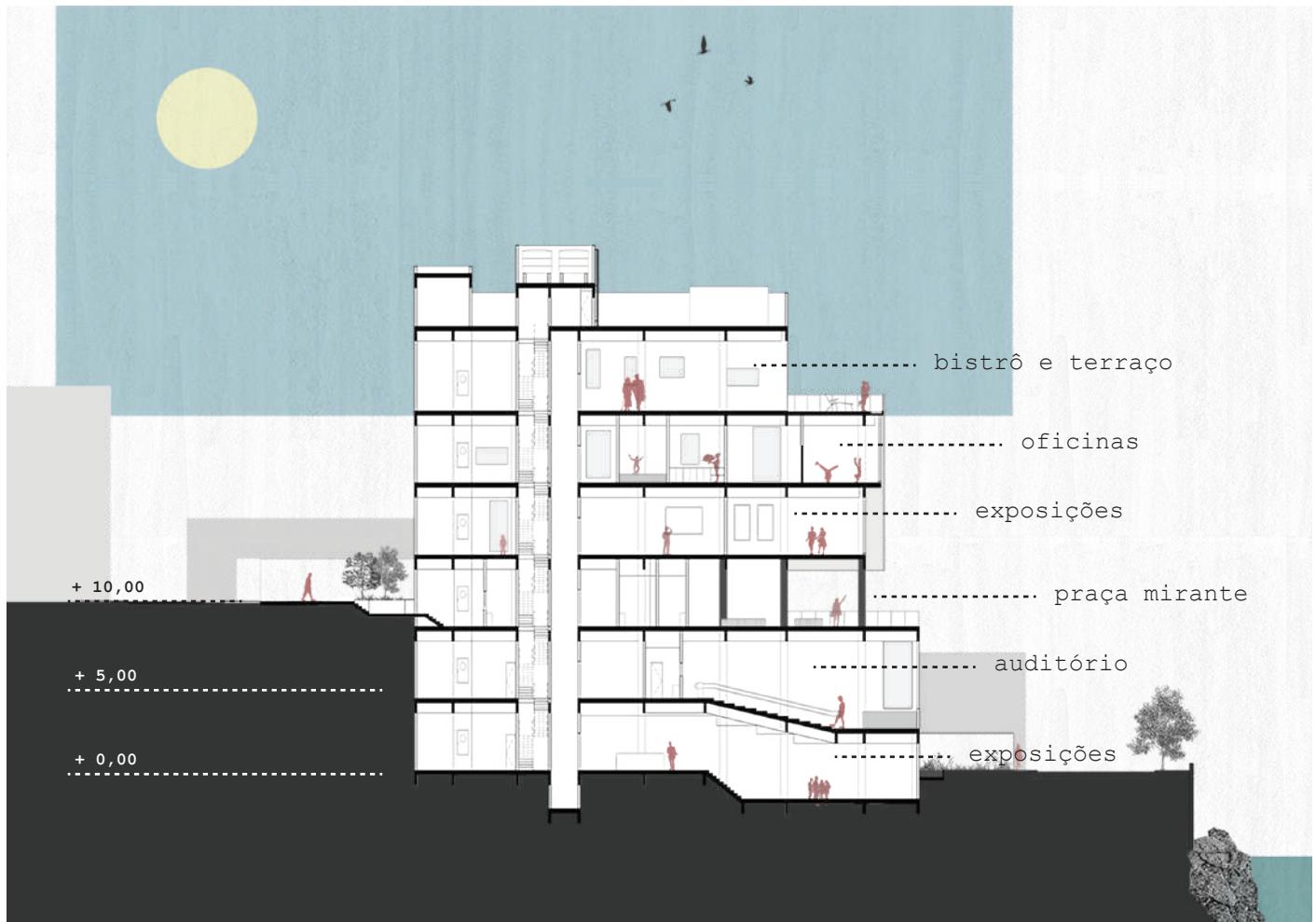
corte a.a



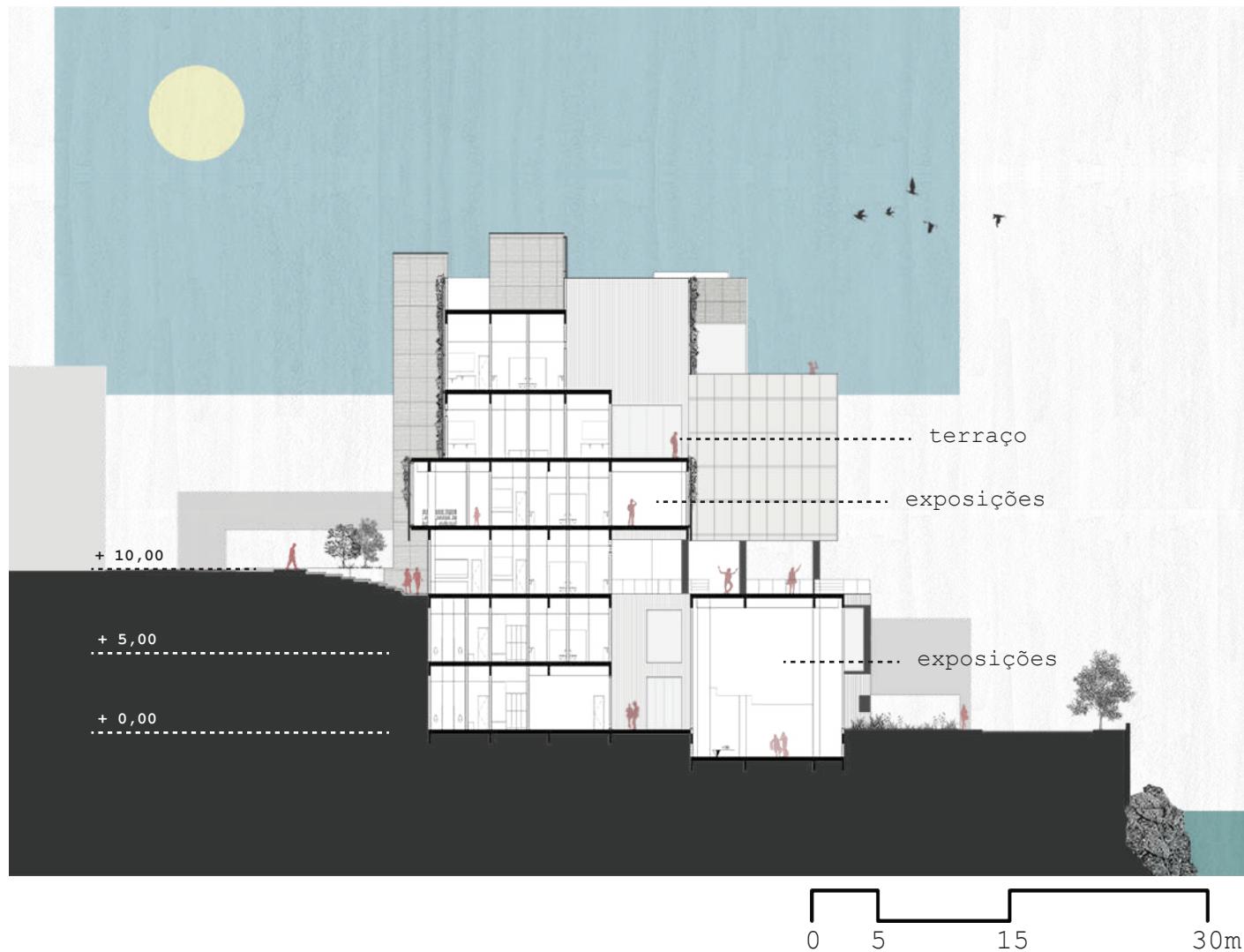


A sobreposição de mirantes e visadas proporcionadas pelos diferentes níveis garante diversos espaços de contemplação e livre apropriação para o usuário.

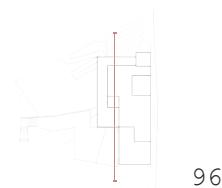
corte c.c



O uso do último pavimento como área livre adjacente à livraria e café + bistrô da ao projeto mais um mirante, com visada completamente livre e área de contemplação e relaxamento voltada para o mar e a paisagem.



A escolha de localizar os ambientes de maior circulação do público na fachada voltada para a Baía foi feita de forma a reforçar uma das intenções principais do projeto: ressignificar a relação da população com a baía que envolve a Ilha do Governador.



elevação almirante

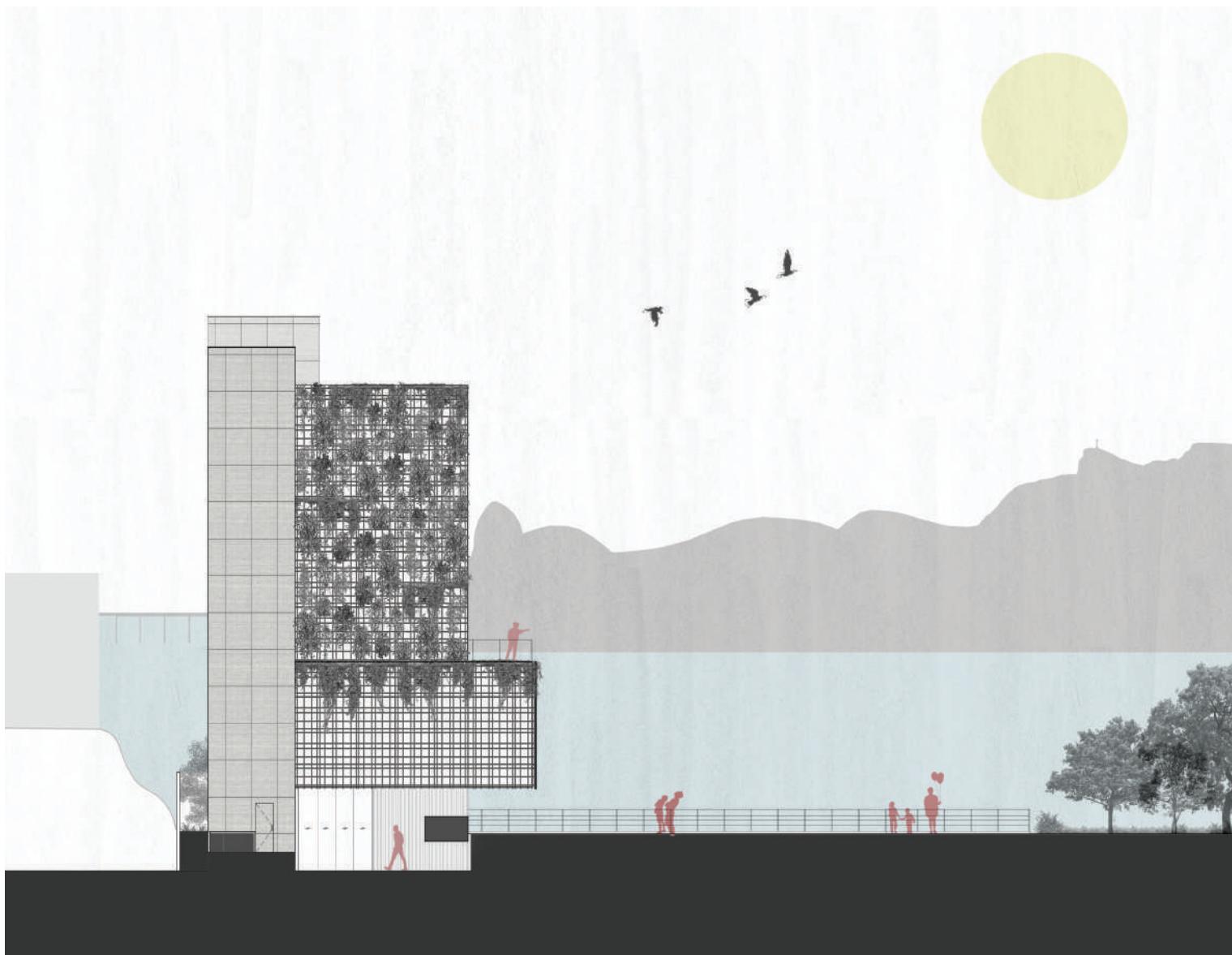




Diferentes materiais e texturas que dialogam entre si, são os responsáveis pela nova identidade da edificação.

O Centro de Artes Polivalente imprime sua individualidade perante às edificações vizinhas sem se impor à paisagem como objeto único protagonista.

elevação ipiru

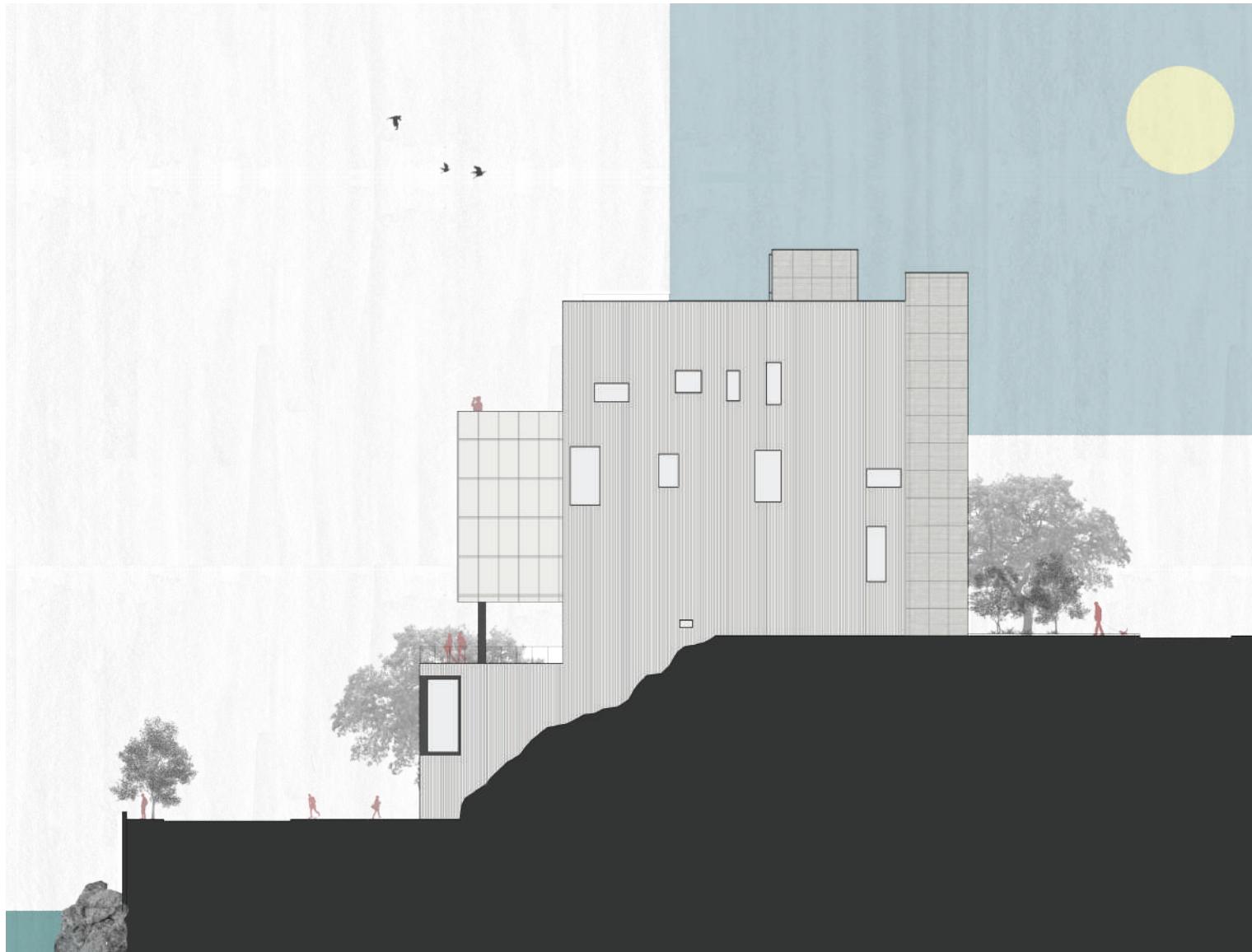




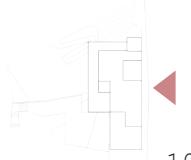
contemplação



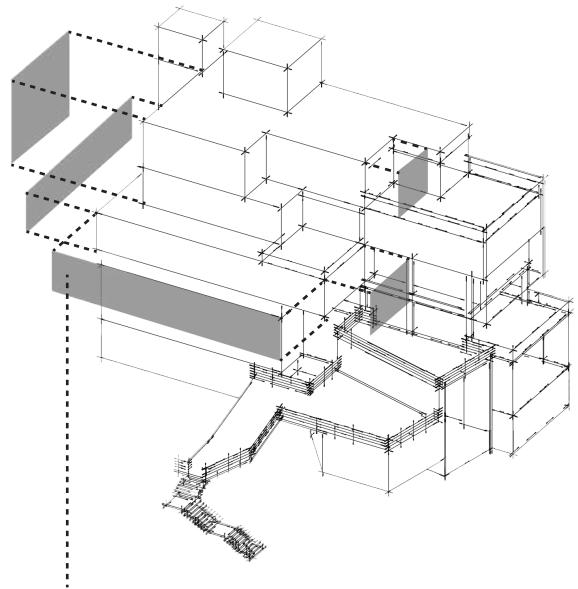
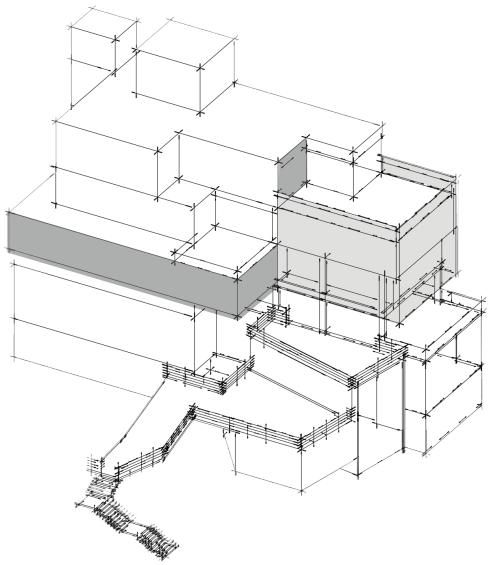
elevação reserva



O uso de concreto aparente na maior parte das superfícies visíveis se mescla de forma sutil à vegetação e topografia existentes.

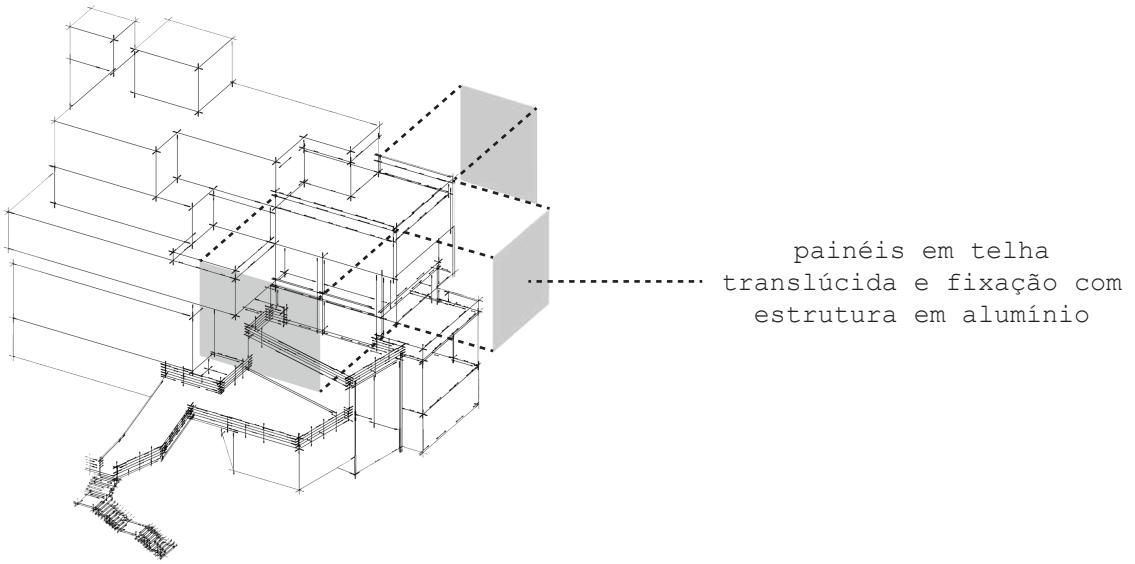


materialidade



painéis muxarabi em
alumínio na cor grafite
com implantação de
vegetação vertical
pendente

A escolha por usar materiais vazados e translúcidos juntamente com o concreto aparente garante equilíbrio entre os materiais e traz leveza à edificação através da permeabilidade do olhar proporcionada em pontos específicos.



concreto texturizado



placas de concreto



piso madeira mirantes inferiores



painéis em telha translúcida

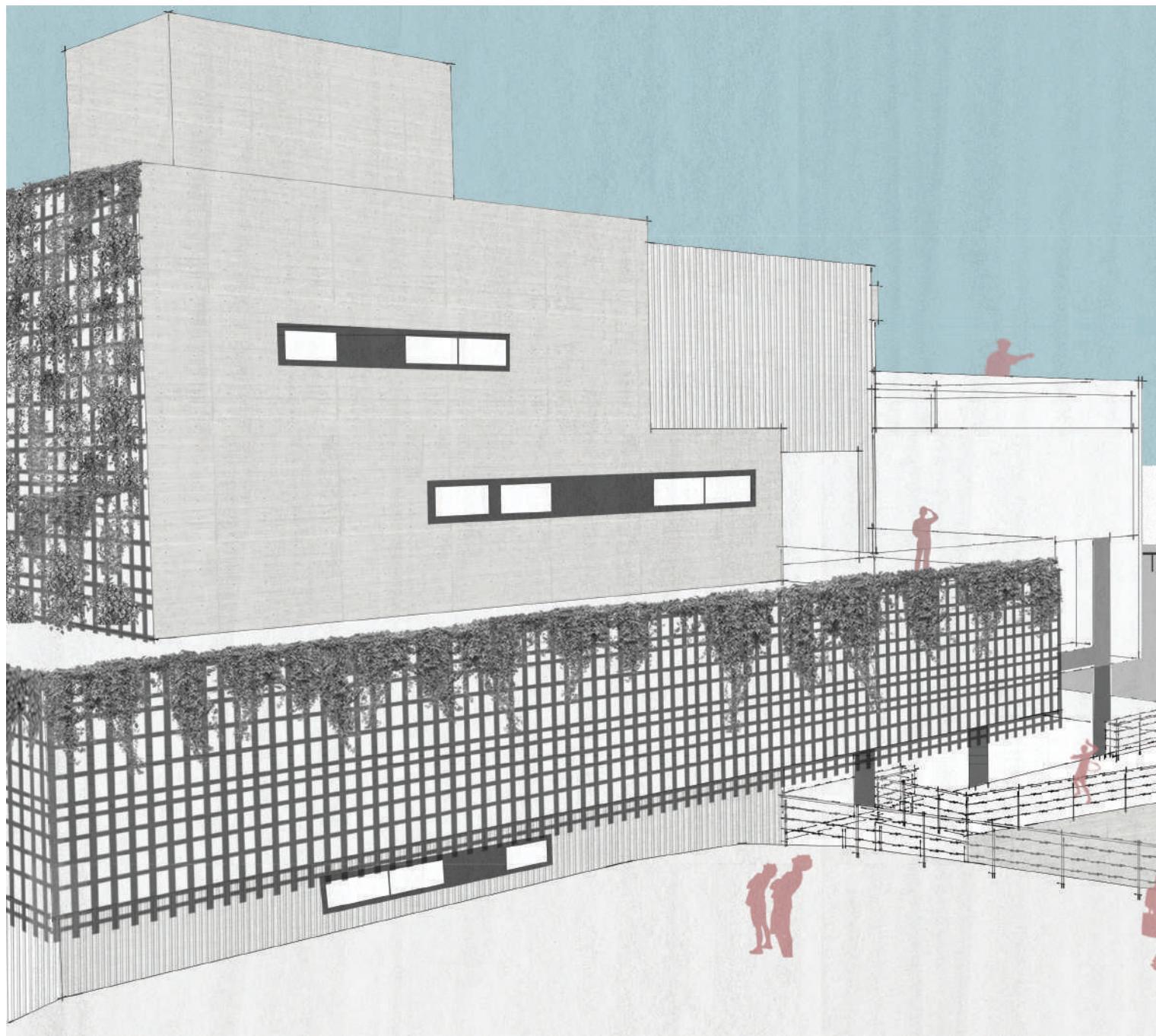


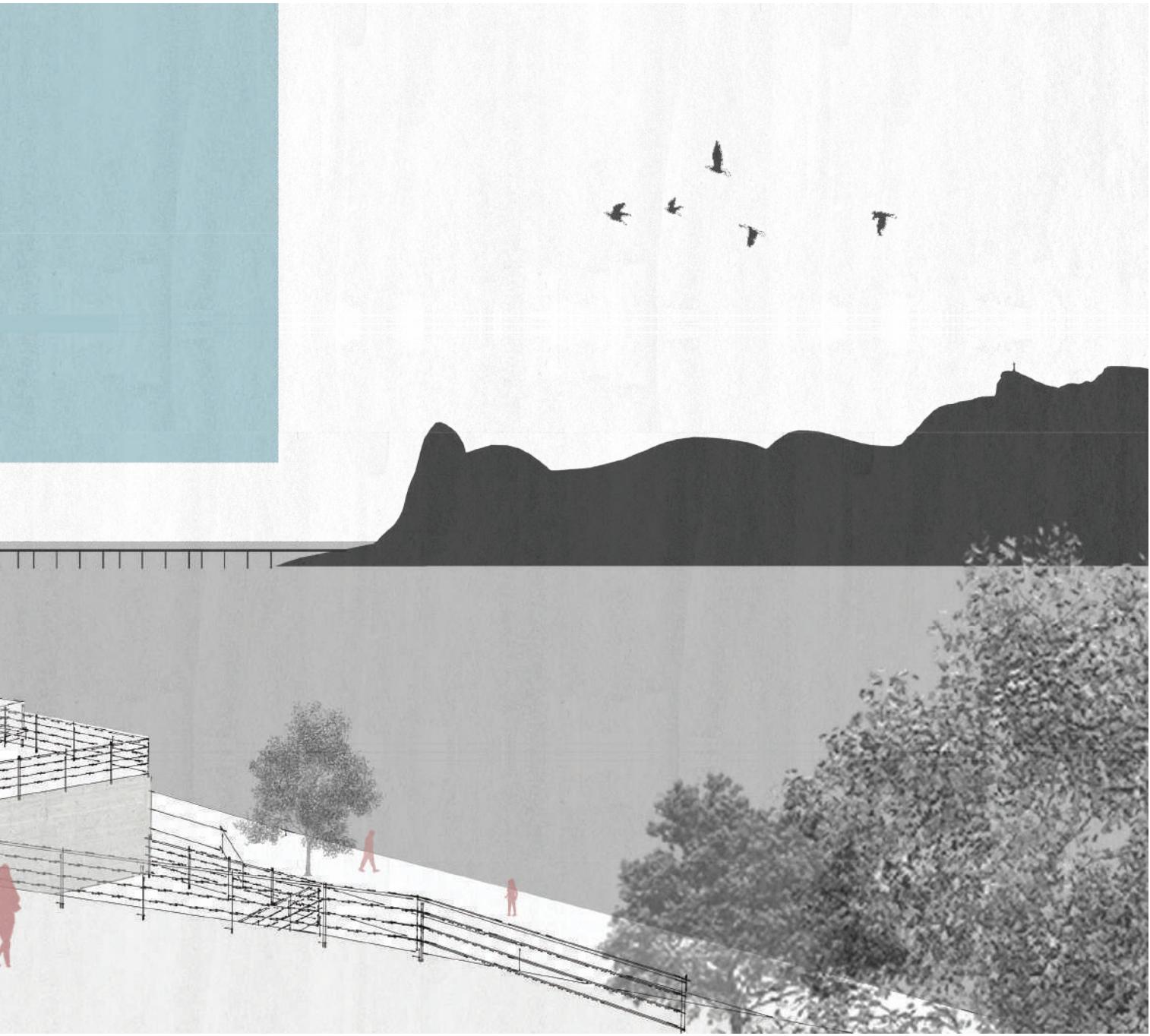
muxarabi em alumínio

Texturas aplicadas no concreto e os diferentes planos criados através dos avanços e recuos da volumetria e elementos nas fachadas dão movimento e personalidade à arquitetura do Centro de Artes Polivalente.

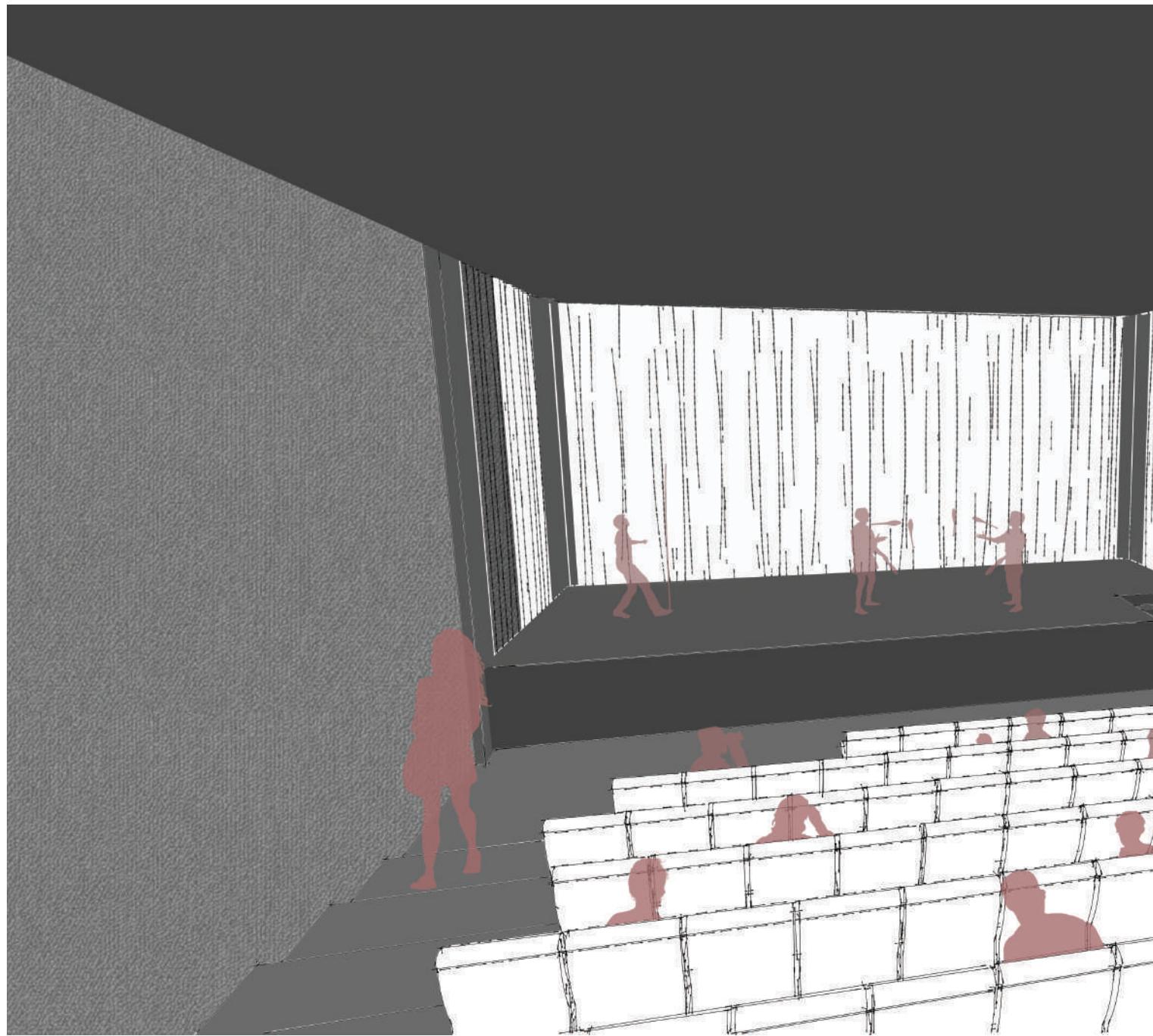
i n t e g r a ç ã o

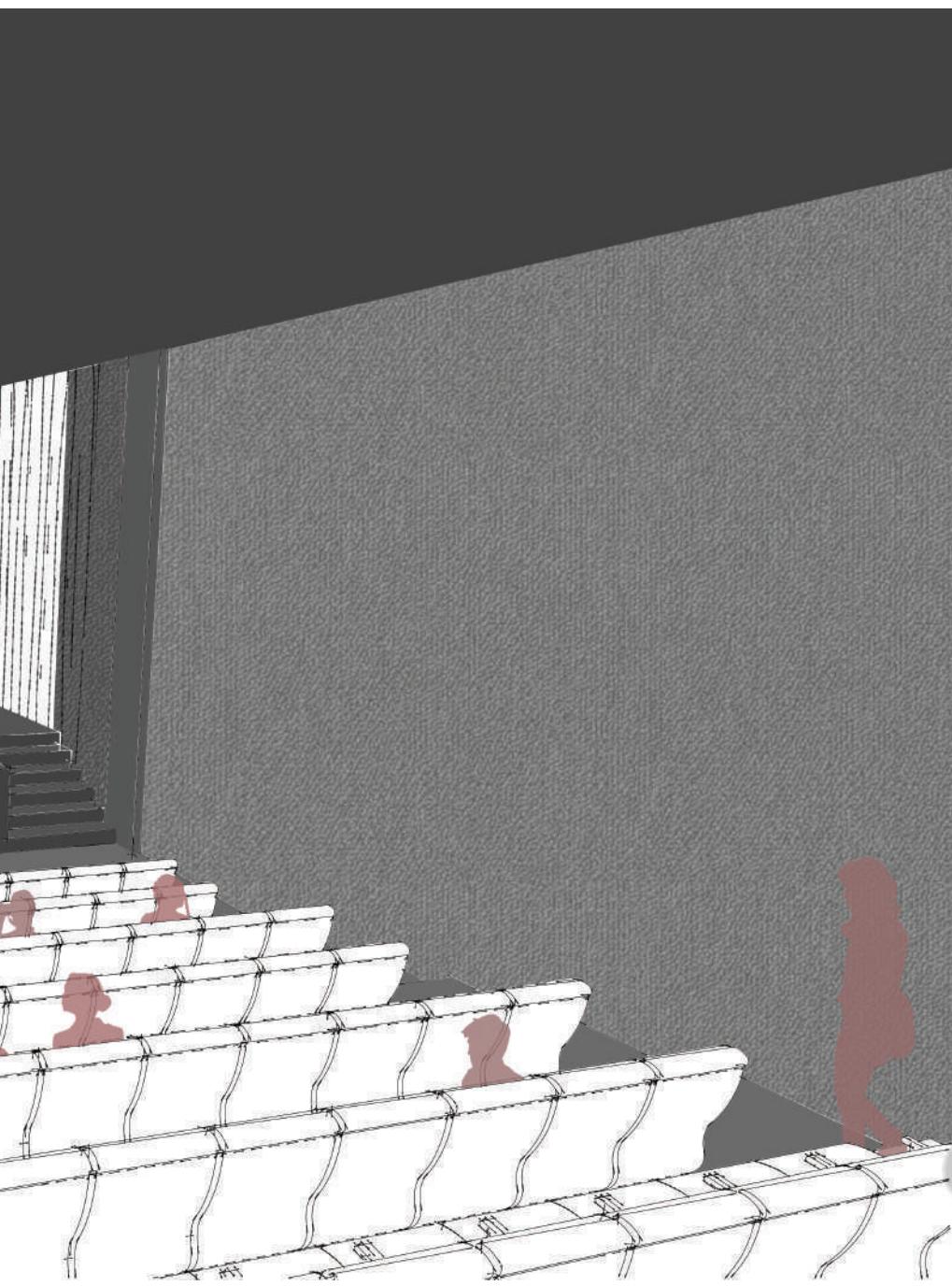


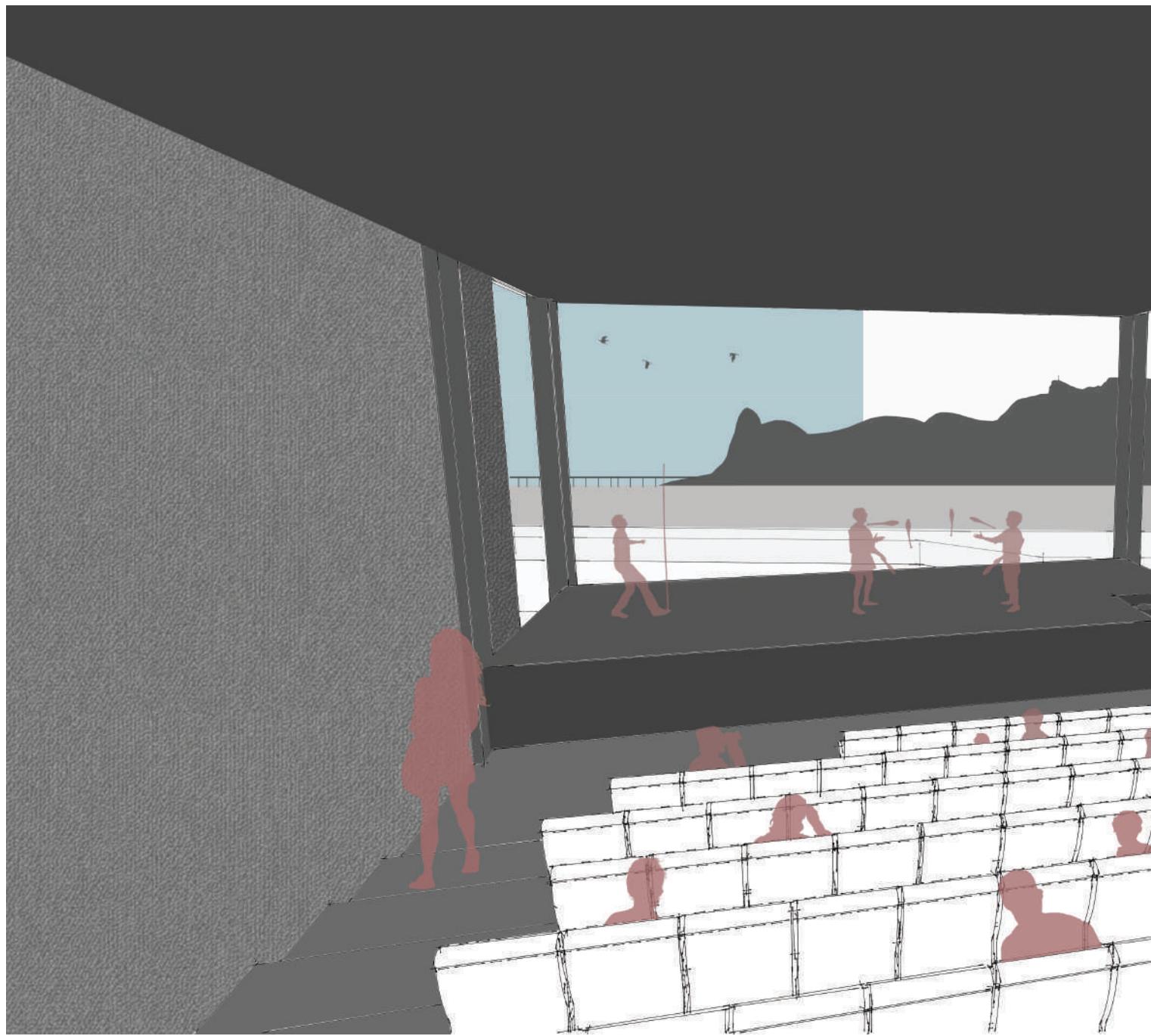


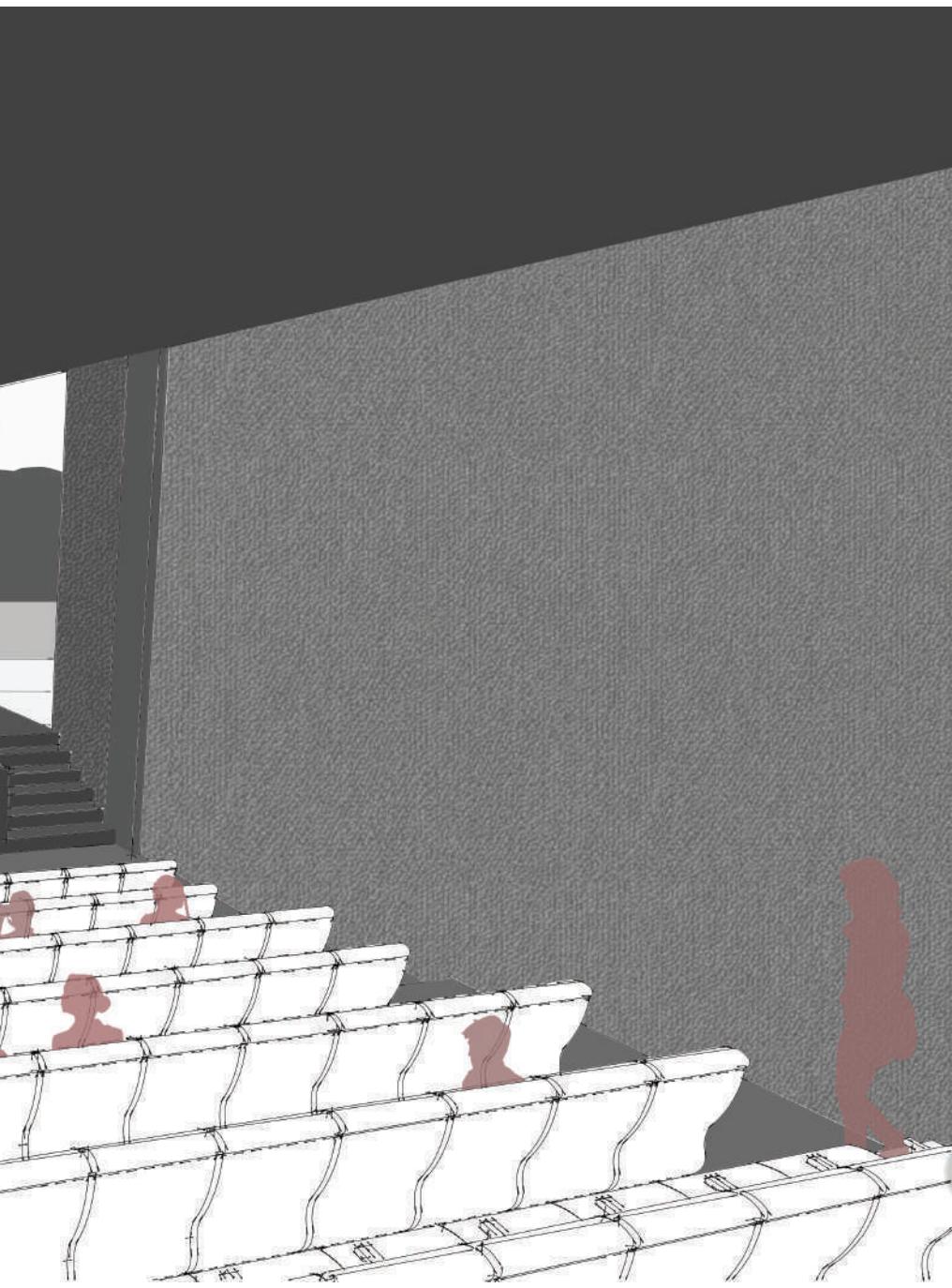


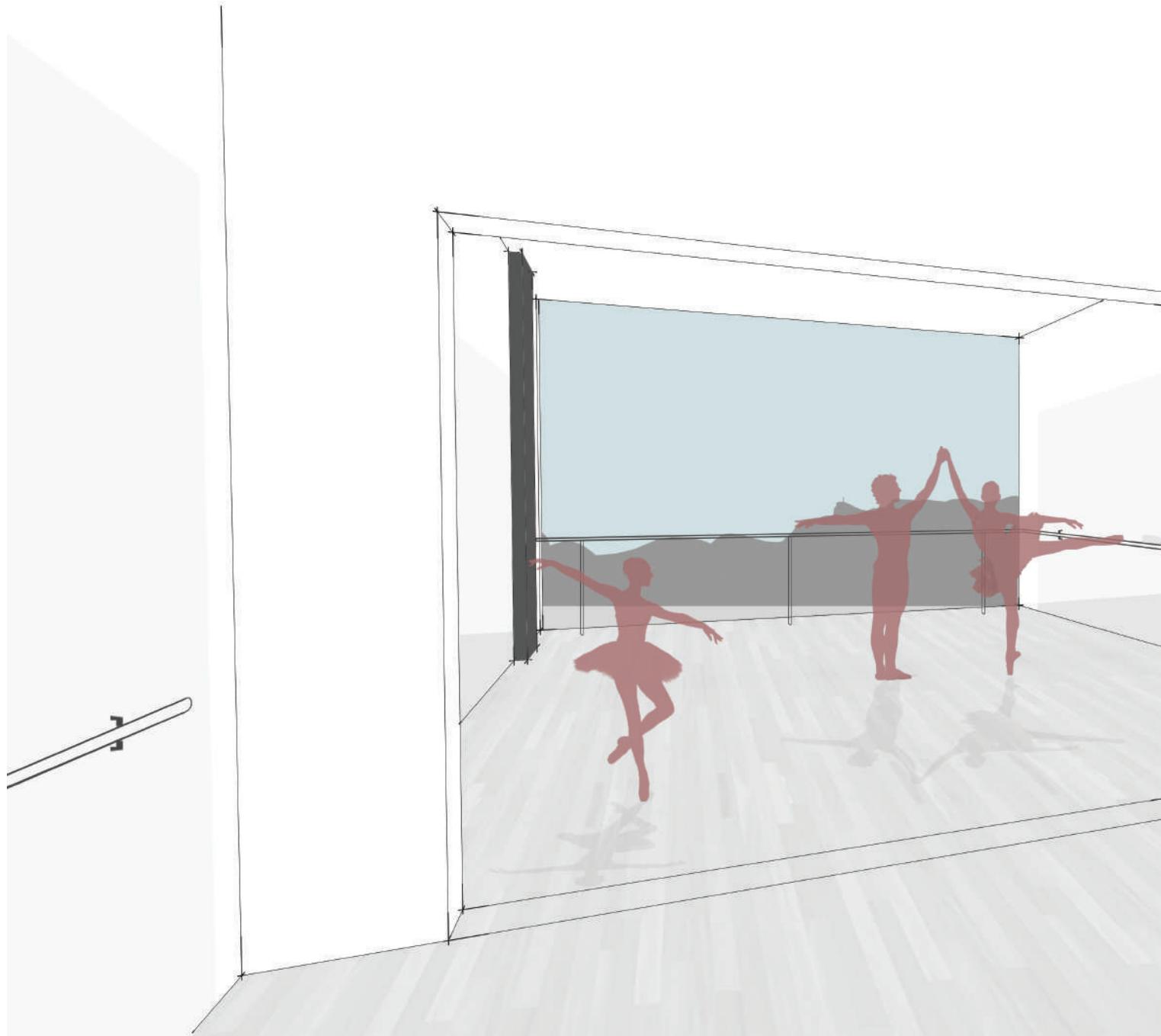
c e n á r i o

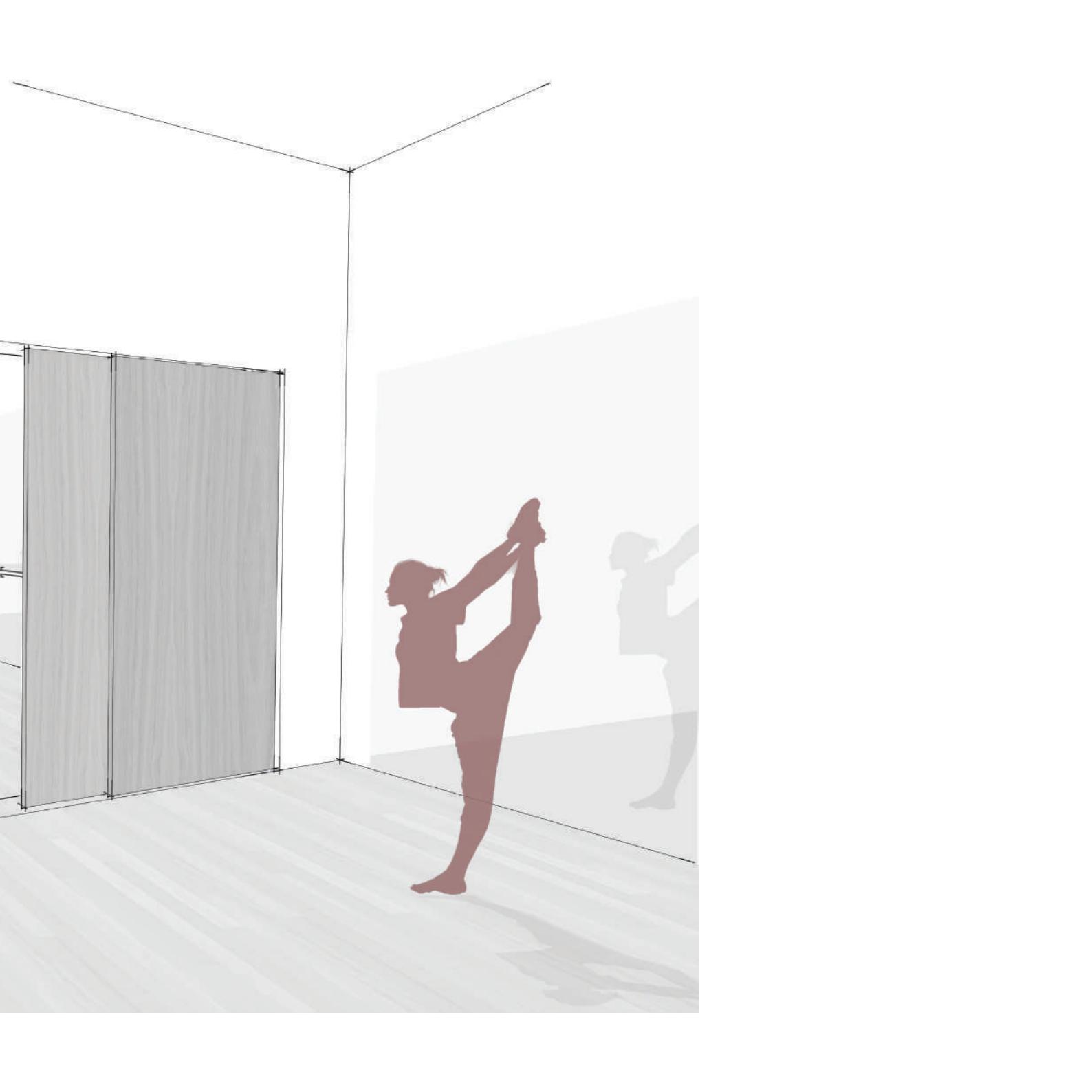




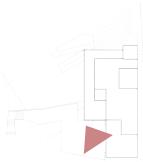




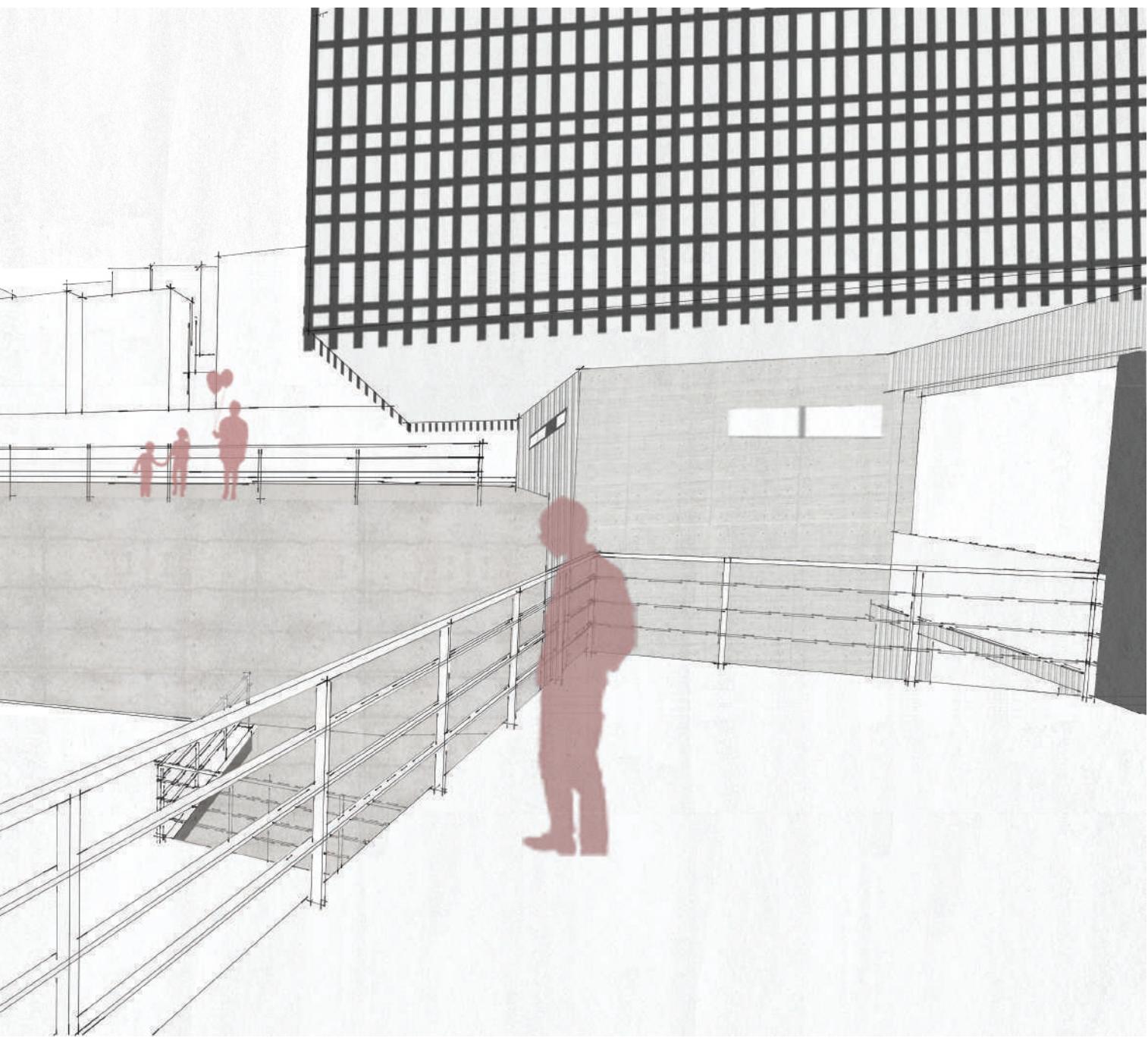


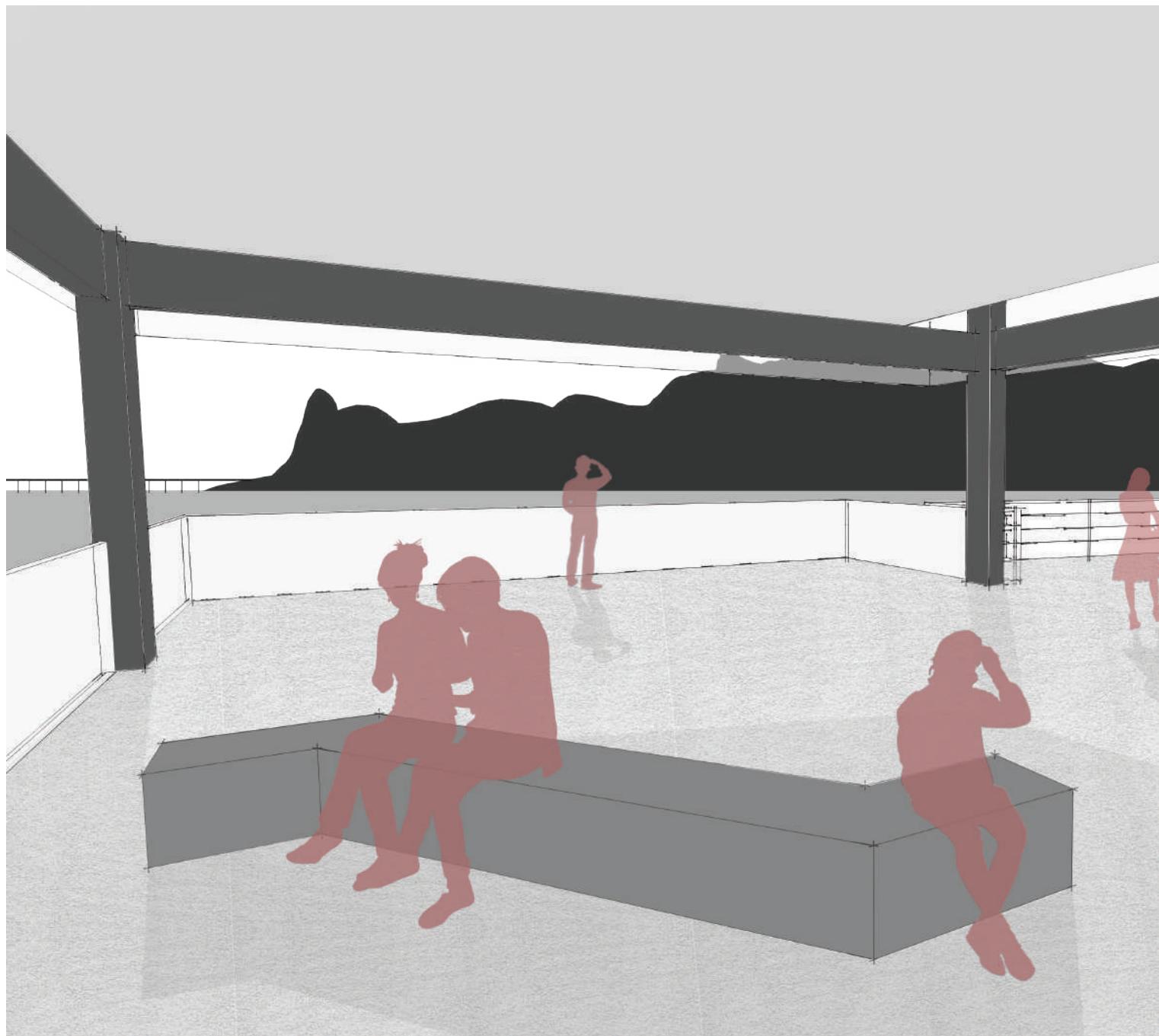


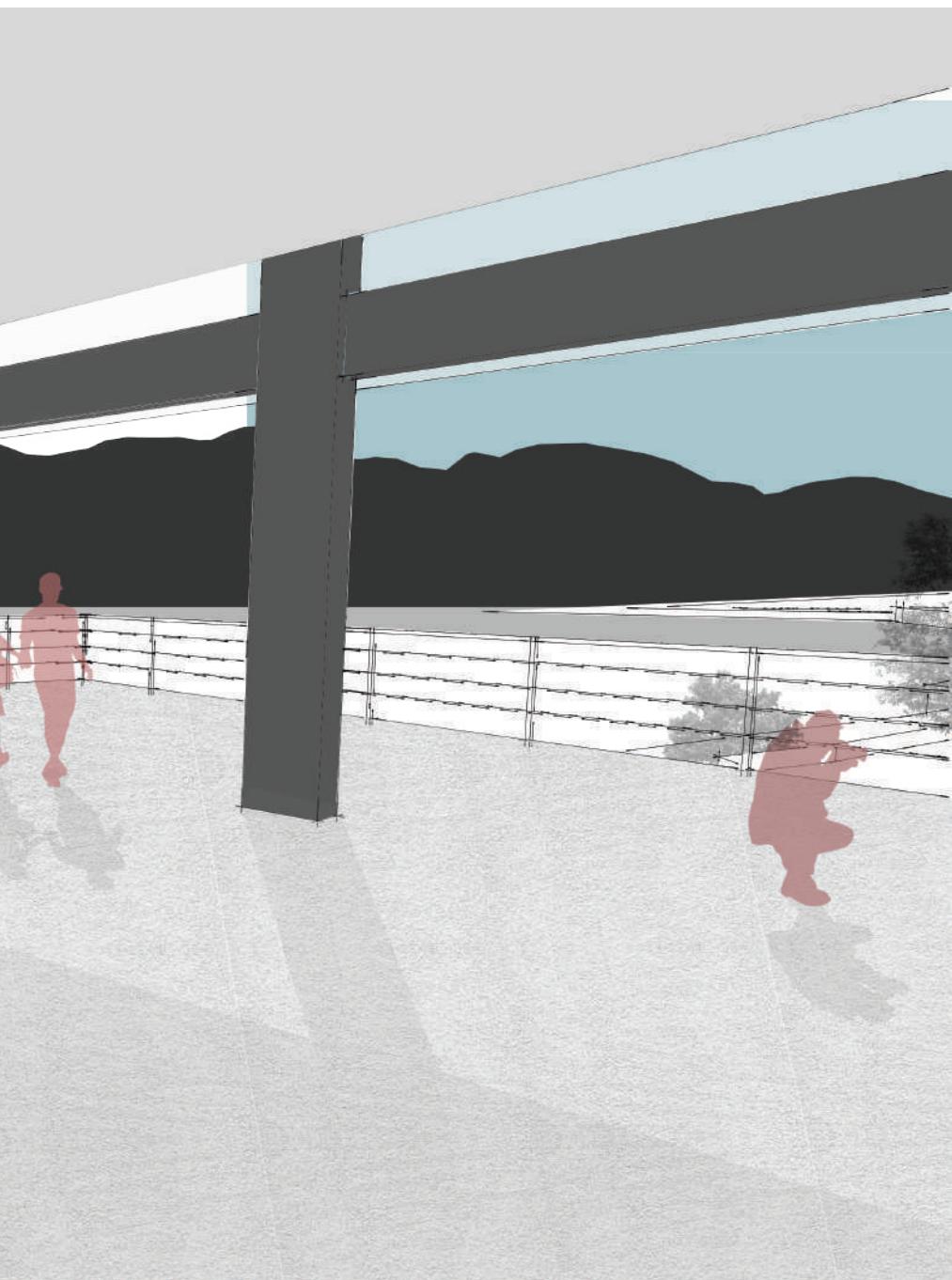
a p r o p r i a ç ã o





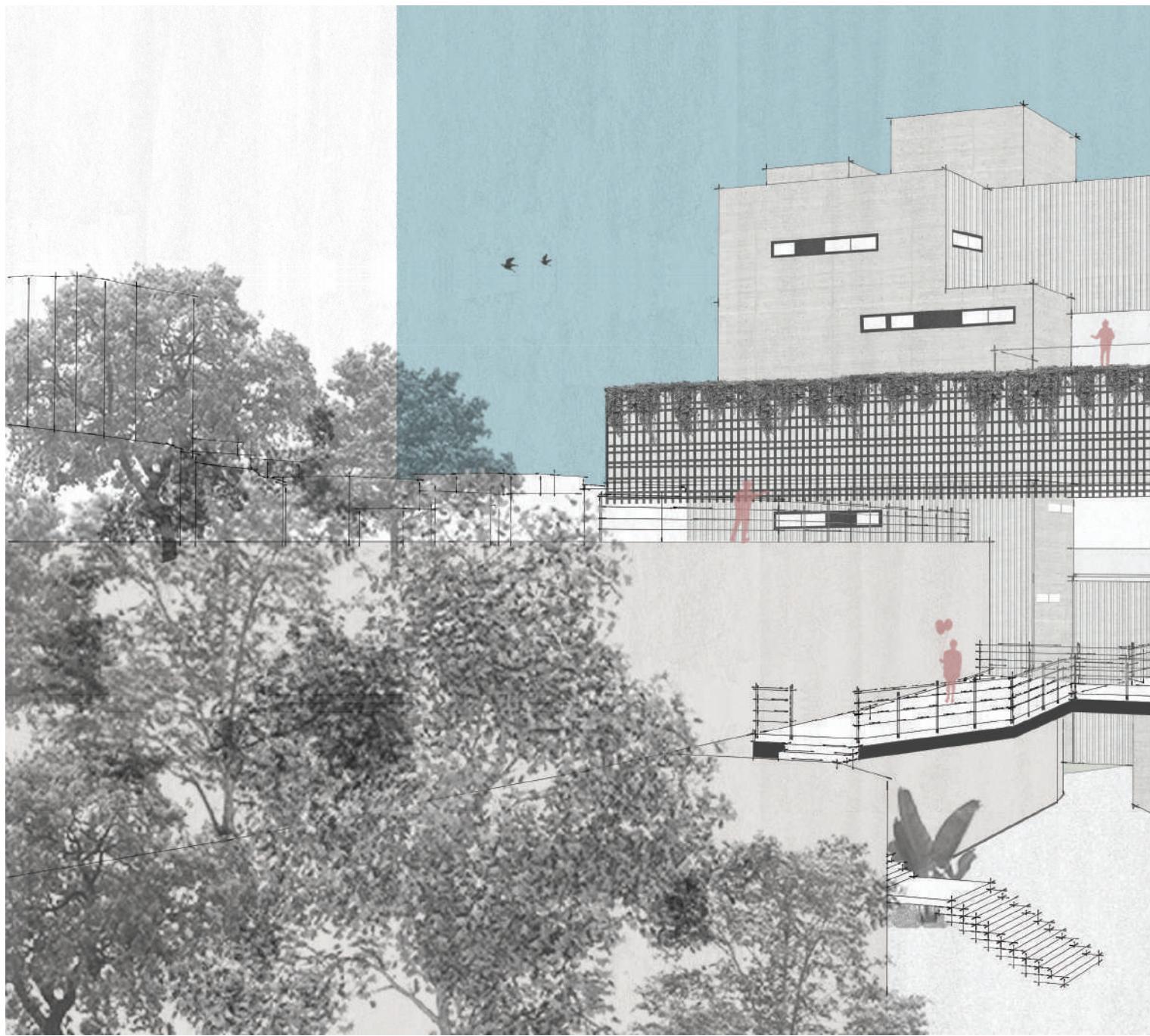


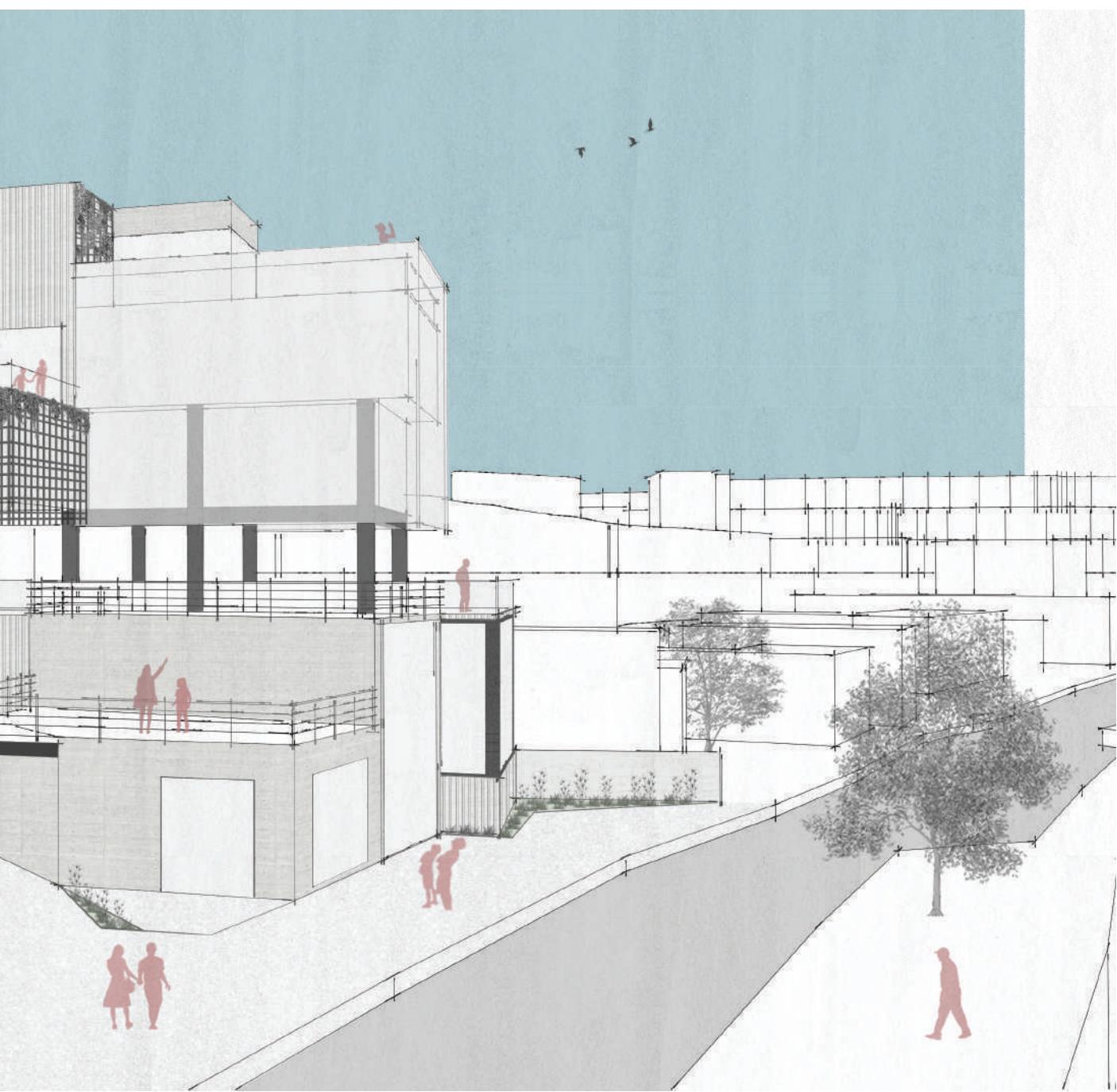




i n t e r a ç ã o







Final

Considerações

O presente caderno tem como objetivo apresentar todo o processo de construção e fundamentação teórica e analítica até o desenvolvimento da proposta projetual para a concepção de uma edificação destinada à programação artística e cultural a ser implementada na Ilha do Governador.

A partir das análises apresentadas, buscou-se identificar insuficiências e potencialidades, e demonstrar os direcionamentos projetuais e a resposta arquitetônica, entendendo que, o projeto de um equipamento cultural não deve seguir uma padronização pré estabelecida, e sim, deve ser embasado e adequado às reais carências da região na qual está inserido.

blogTíología

RUSSO, Paulo Roberto. Ilha do Governador: Considerações acerca de seu Processo de Ocupação. GEO UERJ, Rio de Janeiro, nº 2, p. 89-100, Jul/Dez de 1997. ISSN: 1415-7543. A História da Ilha do Governador. 2010. Disponível em: <http://aquinailha.comunidades.net/a-historia-da-ilha>. Acesso em: 19 de Setembro de 2019.

WILLIAN, Felippe. A Influência da Cultura na Formação do Cidadão. 2014. Disponível em: <https://www.filantropia.org/informacao/a-influencia-da-cultura-na-formacao-do-cidado>. Acesso em: 21 de Setembro de 2019.

RIBEIRO, Darcy. Os Brasileiros - 1: Teoria do Brasil. 1ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

CANDAU, Vera Maria Ferrão - Educação escola e Cultura(s): construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, 2003.

OLIVEN, Ruben George. Cultura e Modernidade no Brasil. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, vol. 15, nº2, Abr/-Jun de 2001. ISSN 1806-9452.

TAVARES, Rodrigo dos Passos; COSTA, Luciana Santiago. Cultura e Arquitetura: a metamorfose do tipo arquitetônico do edifício cultural. Architecton - Revista de Arquitetura e Urbanismo, Coimbra, vol. 03, nº4, p. 81-103, Agosto de 2013.

HARVEY, David. Spaces of Hope. United States: University of California Press, 2000.

VAZ, Lilian Fressler; SELDIN, Claudia. Culturas e Resistências na Cidade. Rio de Janeiro: Rio Books, 2018.

HILLIER, BILL. A Theory of the City as Object. London: UCL and University of Cambridge, 2002.

<https://www.archidaily.com/>

<http://www.data.rio/>

2020

